

# **CRIANÇAS LÁ FORA: percepções e receios das famílias e técnicos quanto aos riscos associados ao contexto outdoor, em idade pré-escolar**

---

**CARINA SOFIA MARCELO ALVES**

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre para a Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Agosto de 2023

**VERSÃO DEFINITIVA**

ISEC LISBOA | INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS  
Escola de Educação e Desenvolvimento Humano

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre em Educação  
Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

**CRIANÇAS LÁ FORA: percepções e receios das famílias e técnicos  
quanto aos riscos associados ao contexto outdoor, em idade pré-escolar**

Autora: Carina Sofia Marcelo Alves

Orientador: Professora Doutora Joana Cristina Nogueira Serpa dos Santos

Agosto de 2023

## Resumo

Este trabalho insere-se no âmbito da Unidade Curricular do Relatório Final, pertencente ao plano de estudos do Mestrado de Qualificação para a docência em Educação Pré-escolar e é destinado à obtenção do grau de Mestre do mesmo.

O presente estudo enquadra-se na temática do contexto *outdoor*, propondo-se a explorar e compreender as perceções e receios das famílias e técnicos face aos riscos presentes no referido contexto. Reconhecendo a importância da colaboração entre pais e educadores, o trabalho explorou as diferentes perspetivas entre técnicos e familiares, a forma como estes perspetivam os riscos e benefícios dos mesmos associados às atividades ao ar livre.

Para a realização deste trabalho, desenvolveu-se uma investigação qualitativa descritiva, onde foram realizadas cinco entrevistas, três entrevistas a familiares e duas entrevistas a técnicas. Através dos resultados obtidos, foi possível perceber as diferentes visões e preocupações, das famílias e técnicas, assim como verificar o reconhecimento por parte dos mesmos sobre a importância das atividades ao ar livre e o contributo para o desenvolvimento infantil. Os resultados mostram ainda, por parte dos cuidadores e familiares, a vontade de promover uma abordagem equilibrada e holística para a educação ao ar livre.

As diferentes abordagens obtidas ao longo das entrevistas realizadas às técnicas e às famílias, mostram-nos os seus pontos de concordância, mas também os seus pontos de divergência, onde foi possível verificar que as técnicas demonstram uma visão mais confiante e permissiva no uso de elementos naturais na natureza, mas que ao contrário das famílias que encaram estes elementos como naturais do dia-a-dia da criança, as técnicas tendem a reconhecer e identificar mais os seus riscos.

**Palavras-chave:** *Forest School*, Pré-Escolar, Espaço Exterior, Brincar, Riscos, Receios, Desenvolvimento

## **ABSTRACT**

This report is part of a Curricular Unit of the Master's Degree in Pre School Education Teaching.

The present study deals with the outdoor environment; it proposed to observe, explore and understand the awareness and fears that both families and technicians deal with facing the real outdoor risks.

As it recognizes that the cooperation between parents and teachers is very important, it tried to find out not only the different views between them but also how they face the risks and benefits related to the outdoor activities.

The study was based on a qualitative descriptive research, which consisted of interviewing three relatives and two technicians.

According to their answers it was possible to understand the different viewpoints and worries both by the families and the teachers. It was also recognized by both parts the important role outdoor activities play in the child development. The results also prove that teachers and relatives want to encourage a balanced holistic outdoor approach.

The different views/opinions expressed during the interviews tell us where the parts agree and where they don't. We could verify that the families face Nature as their children's natural daily life. The teachers are more confident and permissive; however they are more capable to identify and recognize natural outdoor risks.

**Keywords:** *Forest School*, Preschool, Outdoor Space, Play, Risks, Concerns, Development

## Índice

Resumo.....	I
ABSTRACT.....	II
Introdução .....	1
Capítulo 1 – Revisão da Literatura.....	2
1.1. A importância do brincar: crianças 3-6 anos.....	2
1.2. Brincar no exterior – importância e benefícios.....	6
1.3. Receios e riscos associados ao brincar no exterior.....	8
Capítulo 2 – Metodologia.....	13
2.1. Natureza do estudo .....	13
2.2. Objetivos do estudo.....	13
2.3. Questões de investigação .....	14
2.4. Participantes e Contexto Educativo .....	14
2.4.1. Caracterização das crianças.....	16
2.4.1.2. Participantes.....	16
2.5. Instrumentos e Técnicas de recolha .....	17
Capítulo 3 – Apresentação e Discussão dos Resultados .....	19
3.1. Discussão dos resultados das Técnicas.....	19
3.2. Discussão dos resultados das Famílias .....	29
3.2. Discussão dos resultados das Técnicas VS Famílias .....	36
Capítulo 4 – Considerações Finais .....	38
Capítulo 5 – Reflexões finais .....	39
Referências bibliográficas.....	41
Apêndice I – Guião das entrevistas .....	20
Apêndice II – Transcrição das entrevistas .....	27

## Índice de Figuras

<b>Figura 1</b> - Espaço de brincadeira com vista para a estrada .....	16
<b>Figura 2</b> - Baloços colocados nas árvores .....	16
<b>Figura 3</b> - Báu de apoio .....	17
<b>Figura 4</b> - Construções realizadas pelas crianças e adultos .....	17
<b>Figura 5</b> - Entrevista às Técnicas - Pontos comuns .....	27
<b>Figura 6</b> - Entrevista às Técnicas - Divergências .....	28
<b>Figura 7</b> - Entrevista às Famílias - Pontos comuns .....	34
<b>Figura 8</b> - Entrevista às Famílias - Divergências.....	35
<b>Figura 9</b> - Entrevista às Técnicas e Famílias – Pontos de concordância .....	36
<b>Figura 10</b> - Entrevista às Técnicas e Famílias – Diferenças de perspectiva .....	37

## **Índice de abreviaturas**

CNE – Conselho Nacional de Educação

TA – Técnica A

TB – Técnica B

FA – Família A

FB – Família B

FC – Família C

## **Introdução**

O cenário educacional contemporâneo é caracterizado por uma interação complexa entre a comunidade educativa, onde os pais desempenham um papel crucial no desenvolvimento dos seus filhos, assim como nas oportunidades de aprendizagem oferecidas. A participação e a colaboração ativa entre pais e educadores tem sido amplamente reconhecida como um fator essencial para o desenvolvimento e o sucesso educacional das crianças.

A importância desse vínculo é particularmente evidente quando se trata das atividades ao ar livre, uma vez que “brincar nos espaços exteriores assume-se como uma atividade significativa, que oferece importantes oportunidades de exploração, aventura e contacto com a natureza” (Bento, 2017), a percepção que o adulto tem do exterior pode condicionar o uso do mesmo. Desta forma, explorar as expectativas e perspetivas dos adultos e famílias, revela-se crucial de forma a compreender o impacto das mesmas na educação das crianças. A visão do adulto e o reconhecimento do risco como contexto de aprendizagem influencia o tipo de desafios a que as crianças serão expostas.

Neste contexto, o presente estudo propôs-se a explorar e compreender as percepções e receios das famílias e técnicos face aos riscos presentes no exterior. A decisão de permitir que as crianças participem em atividades que envolvem um certo nível de risco é um tema multifacetado, uma vez que as famílias procuram proteger e garantir a segurança dos seus filhos, mas também reconhecem a importância e os benefícios associados ao brincar arriscado.

O presente Relatório Final foi realizado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar. O trabalho divide-se em três partes: Enquadramento Teórico; Componente Investigativa na qual é apresentada a análise de dados e, por fim as Considerações Finais. O Enquadramento Teórico apresenta genericamente a temática sobre a importância do brincar em crianças com 3-6 anos, assim como a importância e os benefícios de brincar no exterior e, por fim, os receios e riscos associados ao brincar no exterior por parte dos adultos cuidadores. A Componente Investigativa apresenta os objetivos e as questões do estudo, a caracterização do contexto em que o estudo foi realizado, os participantes, as metodologias, e posteriormente os dados obtidos a partir das entrevistas realizadas. Por fim, as Considerações finais apresentam o balanço e conclusões resultantes da análise de dados.

## **Capítulo 1 – Revisão da Literatura**

### **1.1. A importância do brincar: crianças 3-6 anos**

Brincar é uma atividade universal, não só partilhada por seres humanos, como por animais, compreendida como uma atividade indispensável e vital, assim como um direito pertencente a todas as crianças (Lino, et al., 2020). O conceito de brincar pode ser compreendido e até mesmo interpretado de formas distintas por diversos autores, pois estes têm diferentes formas e perspectivas de o definir. Apesar das suas múltiplas interpretações, brincar é um dos conceitos que acompanha o ser humano ao longo da sua vida, sendo este um “ato universal, que é praticado por adultos e crianças, e sempre fez parte da história da humanidade” (Luz, Oliveira, & Souza, 2011, p. 13477).

Goldstein (2012) e Kishimoto (2010) referem que o brincar é uma ação iniciada e levada a cabo pela criança, onde o jogador acaba por ser imerso intensamente, colocando-o num mundo imaginário, onde este se envolve e desenvolve habilidades. Ferland (2006, cit. por Sarmiento et al., 2017, p. 41), refere ainda que “Brincar é imaginar e criar, é o lugar das fantasias, na medida em que a criança utiliza as suas habilidades criativas e decide o que é para ela a realidade; transforma-a e adapta-a aos seus desejos”. Segundo o mesmo autor, é também através da brincadeira que a criança consegue exprimir os seus sentimentos e emoções, e possibilita à criança a liberdade de escolha, onde esta “sente que domina parte da sua vida” e sozinha é capaz de escolher o “que quer brincar, como quer brincar e o que fazer com o material que encontra ao seu dispor”, escolhendo ainda com quem o deseja fazer (p.41). Adicionalmente, para além do sentimento prazeroso que traz à criança, a brincadeira está também associada à novidade e a diversos desafios, que permitem que a criança, por si mesma, aprenda a fazer escolhas, a tomar decisões, a resolver problemas e tenha uma maior perceção do risco, tornando-se cada vez mais autónoma (Silva et al., 2016).

Deste modo, segundo Goldstein (2012), o brincar é reconhecido como algo natural e prazeroso para a criança, que promove o desenvolvimento global da mesma, e que se caracteriza pela liberdade de ação, imaginação e exploração livre. Segundo Brown (2017, cit. por Neto, 2020):

Brincar desenvolve os músculos e as habilidades sociais, fertiliza a atividade cerebral, aprofunda e regula emoções, faz-nos perder a noção do tempo,

proporciona um estado de equilíbrio, ajuda a lidar com as dificuldades, aumenta a expansividade e favorece as conexões entre pessoas. Ao brincar ativamos o lado direito do cérebro, que está ligado à criatividade, à emoção, à imaginação, à intuição e à subjetividade. (p.9)

Solé (1980, cit. por Sarmiento et al., 2017, p. 41), partilha a perspectiva acerca da importância do brincar, afirmando que a brincadeira permite à criança descobrir o mundo que a rodeia, assim como as pessoas e as coisas que estão ao seu redor, possibilitando que esta se descubra a si mesma, facilitando as relações que desenvolve. Ideia partilhada também por Piaget, que afirma que é através do brincar que a criança explora o mundo e é neste brincar que, segundo Teles, a criança constrói o seu saber, aprende a respeitar o próximo, desenvolve o sentimento de pertença, trabalha a imaginação e a autorrealização pessoal. (Teles,1997, cit. por Sarmiento et al., 2017, p. 42).

De acordo com Neto (2020), brincar é uma necessidade da criança que não deve ser imposta, a brincadeira é uma descoberta e uma vivência, que segundo o mesmo, “o brincar livre não se ensina: vive-se, experimenta-se e descobre-se em qualquer contexto em qualquer momento” (p.15). O autor refere ainda que o brincar, assim como o jogo, oferece múltiplas vantagens e benefícios durante o desenvolvimento humano:

- Promove o desenvolvimento cognitivo em muitos aspetos, tais como descoberta, capacidade verbal, produção divergente, habilidades manipulativas, resolução de problemas, processos mentais, capacidade de processar informação.
- Como consequência, o empenho no jogo e os níveis de complexidade envolvidos alteram e provocam mudanças na complexidade das operações mentais.
- A criança aprende a estruturar a linguagem através do jogo, isto é, brinca com verbalizações e, ao fazê-lo, generaliza e adquire novas formas linguísticas.
- Desenvolve-se a atividade física e o aperfeiçoamento de habilidades motoras rudimentares, fundamentais e especializadas.
- Os estranhos tornam-se amigos, desenvolvendo-se os processos de sociabilização e de identidade entre pares (ibidem, p.33).

Goldstein (2012), aborda ainda os benefícios da brincadeira a nível emocional, comportamental, social e físico. De acordo com o mesmo autor, todos os tipos de brincadeiras desempenham um papel crucial no desenvolvimento das crianças, onde o

jogo constitui a “lente” através do qual as crianças experimentam o seu mundo e o mundo dos outros. O próprio refere que a brincadeira ajuda as crianças na redução do medo, ansiedade, frustração, ajudando-as na autoestima, na criação de alegria, de calma, de resiliência, assim como na sua capacidade de adaptação a novas situações. É também através da brincadeira que as crianças aprendem a empatia e compaixão pelo outro, aprendem a partilhar e a fazer escolhas, melhoram a sua atenção e habilidades verbais, assim como melhoram progressivamente a sua agilidade, coordenação e equilíbrio.

Embora se tenha instituído o brincar como um direito das crianças (Cf. Direitos da criança promulgado pelas Nações Unidas em 1989), este é muitas vezes esquecido (Ferland, 2006, p.39), sendo o ato de brincar ainda muitas vezes confundido como um passatempo, e ao longo dos últimos anos o brincar tem sido visto como “improdutivo”, estando o foco dos educadores nos resultados e na preparação para o futuro. Como referem Coelho e Vale (2017), o ato de brincar não é valorizado por alguns adultos e até mesmo por algumas sociedades, onde a disponibilização de tempo, espaço e autonomia são cada vez mais substituídas por atividades estruturadas pelos adultos, estando o brincar cada vez mais articulado “sob a forma de conteúdos académicos específicos”. Deste modo, de acordo com os autores, o brincar livre tem sido “reduzido às pausas entre tarefas educacionais” (p. 319-327).

Nesse sentido, Kishimoto (2010), refere que a importância do brincar “se relaciona com a cultura da infância, que coloca a brincadeira como ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver” (p.1). Deste modo, torna-se fundamental que os educadores compreendam a importância que o brincar tem na rotina diária das crianças. Brock et al. (2011, p.41), acreditam que os educadores deveriam proporcionar, a todas as crianças, todo o tipo de brincadeiras para que estas tivessem uma aprendizagem mais ativa e benéfica. De acordo com Neto (2020, p.31), o mesmo afirma que “nunca foi tão importante para a Humanidade a tomada de consciência dos benefícios do brincar”. Ideia partilhada por Bento (2015), onde reafirma a importância da escola e a sua responsabilidade na promoção do brincar:

A escola tem um papel central na vida dos mais novos (...) os contextos educativos ganham uma responsabilidade acrescida para garantir experiências de brincar de qualidade, ao ar livre e em contacto com a natureza. (p.132)

Pois, tal como refere Kishimoto (2010, p.1), “brincar é a atividade principal do dia-a-dia da criança”, que assume sempre um caráter pedagógico, com importância significativa no desenvolvimento da mesma, pelo que deve ser valorizado pelos educadores, pelos pais e famílias.

Do anteriormente exposto depreende-se que as brincadeiras assumem grande importância no desenvolvimento da criança, permitindo o seu desenvolvimento em diversas áreas, que vão desde a área da expressão motora, assim como a vertente cognitiva, social e afetiva. Seguidamente, abordamos a importância do brincar a partir das perspetivas de alguns autores.

De acordo com Neto e Lopes (2017), vários estudos recentes mostram que são cada vez menos frequentes as brincadeiras livres, quer em espaços públicos, como urbanos, “para prejuízo da saúde, bem-estar e felicidade das crianças e jovens”. Ideia também partilhada por Bento (2015), onde de acordo com a autora, o tempo escolar é cada vez maior, onde “preenchem o horário da criança e retiram tempo ao brincar livre e espontâneo”, ficando cada vez mais restritas a espaços fechados, preparados e pensados pelos adultos, onde as crianças são cada vez mais orientadas pelos mesmos, “sem que sejam dadas oportunidades significativas para que a criança possa decidir o que fazer e como fazer” (p.128). Todavia, são também vários os estudos e autores, que defendem a necessidade de tempo livre para que as crianças possam realizar as suas brincadeiras de forma livre. Ideia também partilhada por Ferland (2006), que reforça que “este tipo de brincadeira favorece a imaginação, a fantasia e a criatividade da criança.” (p.53). Como aborda Lahey (2014), as crianças que brincam de forma livre têm mais desenvolvido o autocontrole, pois é no brincar livre que aprendem a tomar decisões, a resolver os seus problemas, assim como a construir e cumprir regras. Neto e Lopes (2017), afirmam ainda, que só através da brincadeira livre, sem intervenção do adulto, é que a criança desenvolve a sua capacidade de resolução de problemas e de explorar o mundo de forma altamente criativa, através da tentativa de erro (p.97). De acordo com os mesmos autores, “o brincar livre é um dos modos privilegiados pelas crianças para construírem as suas culturas de pares e se relacionarem com o mundo exterior” (p.91).

## **1.2. Brincar no exterior – importância e benefícios.**

Para compreender a importância de brincar no espaço exterior para o desenvolvimento da criança, importa perceber a nível nacional e internacional a valorização que é dada ao exterior. A nível internacional, observamos em Inglaterra especial destaque para o meio exterior, onde de acordo com o Departamento de Educação e Habilidades (*Great Britain. Dept. Of Education And Skills, 2006b*), se reconhece que a educação é muito mais que a aquisição de conhecimentos, e que através do espaço exterior fortalece-se a capacidade das crianças e jovens para aprender (p.2). Reconhece-se ainda que, as crianças são intensamente curiosas e que devem ter a oportunidade de explorar o mundo que as rodeia. É através da exploração fora da sala, onde a teoria contacta com a realidade, que as crianças compreendem o mundo que as envolve (ibidem, p .2). Observamos a criação de um novo currículo escocês assente em aprendizagens ao ar livre, onde se evidencia que os espaços ao ar livre oferecem motivação, emoção e atividades diversificadas, assim como relevantes para o desenvolvimento da criança, desde o pré-escolar até ao ensino superior. O currículo escocês destaca ainda que, muitas das experiências e aprendizagens vividas em contacto com o exterior são lembradas ao longo da vida e mais difíceis de alcançar dentro de espaços fechados (*Learning and Teaching Scotland, 2010*). No currículo norueguês, apesar das condições climatéricas, o espaço exterior também é valorizado, onde existe uma preocupação em garantir que as crianças participem e descubram as suas comunidades locais. Salienta-se ainda, a importância das brincadeiras e atividades ao ar livre como uma parte importante da cultura infantil, que, independentemente das condições geográficas ou climáticas, deve ser mantida (*Directorate for Education and Training, 2017*). Em Portugal, também se reconhece e valoriza o contacto e utilização dos espaços exteriores. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (Silva et al., 2016), o espaço exterior constitui um espaço pedagógico como um prolongamento do espaço interior.

Como mencionado nas orientações Silva et al. (2016), “o espaço exterior é igualmente um espaço educativo pelas suas potencialidades e pelas suas oportunidades educativas que pode oferecer”. De acordo com os mesmos autores, é importante que o educador valorize o espaço exterior e que o use no seu dia-a-dia, para realizar atividades que normalmente realiza no interior, aproveitando o espaço exterior e as suas mais valias, uma vez que este permite o “enriquecimento e diversificação” das oportunidades

educativas que são oferecidas (p.27). O espaço exterior “e a singularidade das suas características possibilita diferentes formas de aprender, interagir e comunicar (Tovey, 2007, cit. in Bento, 2015), desta forma, “as crianças não deverão ficar confinadas a um espaço didático monolítico, mas necessitam (...) ter acesso a espaços plurais como espaços na natureza, espaços na comunidade, espaços nos centros, ligações entre o centro e os contextos familiares” (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013, p.17). O espaço exterior é igualmente “um local privilegiado para atividades da iniciativa da criança” (Silva et al., 2016, p.27) que, ao brincar, possibilita diferentes formas de interação entre crianças, e diferentes formas de exploração e contacto com materiais naturais (tais como, pedras, folhas, plantas, paus, areia, terra, água, etc.). Sendo ainda um espaço que oferece a oportunidade de desenvolver atividades físicas, num ambiente ao ar livre e importantes para o seu desenvolvimento motor (tais como, correr, saltar, trepar, jogar à bola, fazer diferentes tipos de jogos de regras, etc.). (Silva et al., 2016, p.27).

É durante as brincadeiras livres, num ambiente exterior, estruturado de acordo com os interesses e necessidades de cada criança, que as mesmas têm a possibilidade de desenvolver competências ao seu ritmo, fazendo uso do seu corpo e dos seus sentidos. Através de aprendizagens significativas e duradouras (Waite e Pratt, 2011, cit in Bento M. G., 2019) “em que é dada a possibilidade de observar, explorar, experimentar, questionar, testar hipóteses, etc.” (pp.27-28), as crianças desenvolvem a linguagem, nomeadamente, conteúdos académicos, como a leitura e a escrita, assim como conceitos matemáticos, de ciências e artes, e ainda, uma maior tomada de consciência do próprio corpo e dos riscos. A imprevisibilidade e liberdade a que está relacionado o exterior, permite a cooperação entre pares, a resolução de problemas de forma autónoma, e o aumento da criatividade, não só na forma de se exprimir e brincar, como na forma de explorar e resolver problemas.

Neto (2017), alerta para as consequências inevitáveis da redução de tempo e espaço das brincadeiras das crianças nos espaços exteriores, tendo esta redução repercussões a níveis motores, cognitivos, emocionais e sociais. Consequentemente, através da redução de tempo e espaço no exterior, constata-se um aumento significativo das desordens mentais, assim como o aumento do sedentarismo, nomeadamente, obesidade, excesso de peso, diabetes, doenças cardíacas e respiratórias (p.9).

A tomada de consciência por parte dos profissionais de educação, no acesso e utilização do exterior, é fundamental, uma vez que, o acesso a estes espaços está

dependente da compreensão da sua importância para o desenvolvimento das crianças, exigindo que os educadores reflitam “sobre as suas potencialidades e que a sua organização seja cuidadosamente pensada” (Silva et al., 2016, p.24).

Nesta mesma linha de opiniões, face à importância da brincadeira nos espaços exteriores, Neto e Lopes (2017, afirmam que:

As crianças necessitam de contactar, experienciar e apreciar a natureza, brincando de forma desafiadora e com margem de risco adequada à sua condição de desenvolvimento. Teremos que criar oportunidades para se exprimirem e desfrutarem as incertezas dos espaços exteriores, quer construídos ou naturais.(p.77)

Já Carruthers, (2010, cit. Moyles, 2010, p.195), menciona a importância do exterior no desenvolvimento motor das crianças e no desenvolvimento das habilidades motoras, onde todos os sentidos são estimulados, assim como o fortalecimento da saúde, tanto física, como mental, o desenvolvimento da resistência, o aumento da autoestima, e por fim, o contacto com novos desafios diários.

Neto (2020), adverte para a necessidade de os profissionais (e, familiares) levarem as crianças para o exterior, “para que seja valorizada a curiosidade e para que aprendam coisas novas quando em confronto com situações inabituais e arriscadas, para que se tornem pequenos pesquisadores.”. Para que o conhecimento surja através do brincar, nos exteriores, de forma holística e atendendo sempre aos interesses e necessidades de cada criança.

### **1.3. Receios e riscos associados ao brincar no exterior**

Na sociedade atual assistimos muitas vezes a brincadeiras que são programadas e até mesmo padronizadas, os ambientes quer em casa, na escola ou no exterior da mesma são por norma calmos, onde os brinquedos são estruturados e padronizados, as brincadeiras muitas vezes supervisionadas e onde existe uma preocupação em proteger as crianças de certos espaços e riscos associados aos mesmos, sendo o risco encarado como algo que deve ser evitado. A sociedade é cada vez mais marcada pelos medos e anseios

de possíveis acidentes, assim como pautada pela preocupação excessiva dos adultos em garantir a segurança dos mais novos, emergindo na sociedade uma cultura do medo, que se reflete a que muitas vezes o risco e a brincadeira arriscada sejam desvalorizados por adultos e entidades escolares. De acordo com Bento (2012, cit. por Bilton, Bento, & Dias, 2017, p.70) a imagem da criança indefesa e incapaz está fortemente difundida na nossa sociedade, sendo estas concepções, mentalidades e estereótipos sociais que não permitem o conhecimento da criança como competente e determinada e autónoma.

Importa deste modo compreender que, a questão do risco e do risco de brincar na natureza não é de fácil abordagem, o que se deve a diversos fatores. Desde a noção pessoal que cada um tem sobre o risco, assim como as culturas de cada país, os seus hábitos e comportamentos e, entre outros aspetos que, acabam por influenciar a forma como cada pessoa na sua individualidade olha para o risco e a noção do mesmo. E, apesar dos vários fatores que influenciam o que cada um de nós compreende sobre o conceito de risco, de um modo geral a segurança e proteção da criança é prioridade. A importância da segurança desempenha um papel crucial na forma como os adultos avaliam os riscos e na decisão de permitir que os filhos se envolvam em brincadeiras que envolvam algum grau de risco.

Verifica-se que vivemos numa constante dualidade. Por um lado, testemunhamos uma crescente divulgação da importância de lidar com os riscos e do papel que os mesmos desempenham no desenvolvimento da criança, como pode ser observado na recomendação do Conselho Nacional de Educação (CNE) (2011). Por outro lado, constata-se que as crianças estão cada vez mais protegidas dos perigos tanto a nível escolar, como pessoal. Como referido, aborda-se cada vez mais frequentemente importância de lidar com os riscos, no entanto, em Portugal a valorização das experiências de risco é ainda muito reduzida observando-se quer em espaços escolares, como familiares a diminuição da exposição aos mesmos. O decréscimo do tempo para brincar e brincar no exterior tem contribuído para o aumento de estilo de vida cada vez mais sedentário, observando-se “mudanças significativas no uso do tempo da infância” (Neto, 2005, cit. por Bento, 2015). Este comportamento advém do crescente receio dos pais em relação a possíveis perigos (rapto, agressão, acidentes), estando ainda associado fatores como, o crescente aumento do tráfego automóvel junto de zonas habitacionais e ainda o desenvolvimento urbano. Ainda, de outro prisma, o “significativo interesse dos

mais novos pelas tecnologias” são alguns dos fatores que levam à diminuição das saídas para brincar no exterior (Bento, 2015).

De acordo com a mesma autora, a crescente necessidade dos pais e familiares em garantir a segurança das crianças traduz-se também na “significativa redução dos níveis de autonomia da criança para circular no espaço urbano” (p.128). E, também, como mencionado, de acordo com Sandseter (2009c, cit. por Bento, 2017), a visão do adulto sobre o risco e a importância do brincar arriscado afeta, também, o tipo de desafios e liberdade a que as crianças serão expostas. Quando os adultos são capazes de gerir o risco de forma flexível, as crianças são incentivadas a envolver-se em situações e experiências desafiadoras, “é possível prever que as vivências de desafio, por parte da criança, serão facilitadas e incentivadas (Sandseter,2010; Stephenson, 2003, cit. por Bento, 2017)

Para Vale (2013) “As crianças não vivem numa redoma, os riscos e os perigos existem onde menos se espera e nos lugares menos suspeitos, havendo necessidade de prepará-las para construir defesas” (p.12). Assim, brincar no exterior, na natureza e com elementos naturais acarreta uma componente de risco sendo difícil prever ou até mesmo controlar tudo aquilo que a criança encontra no espaço, contudo, apesar do risco associado este não deve impedir a sua utilização pelas crianças, uma vez que os seus benefícios são muito relevantes. Deste modo, é importante que as crianças lidem com o risco, é através do brincar arriscado que surge a oportunidade de as crianças testarem os seus limites e enfrentarem novos desafios, sendo neste contato com situações inesperadas que as mesmas se veem obrigadas a mobilizar as suas competências de gestão e avaliação de risco.

Quando as crianças o conseguem, estas tornam-se mais seguras de si, pois o risco está também ele associado “a um sentimento de superação de limites, que promove a autoestima e a confiança da criança nas suas competências”, as mesmas, aprendem a lidar com medo, percebendo quais as consequências das suas ações e ganhando mais confiança na tomada de decisões (Bilton, Bento, & Dias, 2017, pp.51-70). Como refere Vale (2013), “aprender a conhecer os perigos e os riscos lidando com eles ensina a criança a proteger-se, a conhecer os seus limites e a avaliar o ambiente que a cerca, levando-a a agir de modo mais controlado perante novas situações” (p.12).

É também através do brincar arriscado que a criança aprende a redefinir as suas expectativas e os conhecimentos acerca das suas capacidades e limites. O risco permite

que as crianças testem estratégias de resolução de problemas, ensaiem competências úteis para que sozinhos consigam resolver problemas sem intervenção do adulto. É através destas experiências e do contato com o risco que a criança fortalece a sua autoestima e confiança pessoal (Bilton, Bento, & Dias, 2017, p.70).

O brincar implica contato com o risco e com o que é imprevisível, envolve também brincar com o próprio corpo, sendo o risco “uma necessidade biológica e cultural de sobrevivência da espécie humana (...) que permite o aperfeiçoamento progressivo de várias competências e a superação e transcendência da corporalidade” (Neto, 2020). Especialmente na infância existe uma necessidade de testar os limites do próprio corpo e de confrontar o desconhecido. A possibilidade de as crianças experimentarem e experienciarem diferentes níveis de estimulação positiva, que envolvem sentimentos contraditórios, como a felicidade, euforia, orgulho, medo e ansiedade, fazem com que o risco seja tão cativante, levando a que as crianças o procurem. De acordo com Neto (2020, p.72):

Os comportamentos de risco através do brincar permitem à criança ganhar maior segurança e autonomia, e estão relacionados com a sobrevivência, o confronto com a adversidade, a capacidade adaptativa, a superação e os limites de diversas formas de ação. Brincar e ser ativo implica a existência de risco do corpo, para aperfeiçoar a aquisição de muitas habilidades (perícias motoras, linguísticas, expressivas, gestuais, preceptivas, decepcionais, afetivas e interativas).

Ideia também partilhada por Bilton et al. (2017), as autoras referem que a vivência de situações de risco e aventura potenciam a aquisição de atitudes de persistência e de empreendedorismo, onde as crianças aprendem a interpretar os problemas como desafios, tirando prazer na sua resolução e aumentando a vontade de ter êxito.

No entanto, é importante a consciencialização dos adultos para o facto de os riscos de acidente poderem ocorrer nos diversos contextos e nos diversos ambientes (na escola, em casa, dentro de sala, no exterior, na presença do adulto), é por isso, importante compreender que as situações de risco e aventura permitem o desenvolvimento físico, cognitivo mas também emocional da criança, e por isso não é desejável, nem possível evitar o risco, uma vez que este está sempre presente independentemente da criança estar no exterior ou no interior com a supervisão do adulto. Little e Eager (2010) “consideram que o risco surge em situações que exigem realização de escolhas entre diferentes

alternativas de ação, cujo resultado é desconhecido”, contudo não devendo o risco estar associado necessariamente a consequências negativas. Stephenson (2003), reforça esta ideia, realçando a importância de os educadores valorizarem e considerarem os aspectos positivos do risco, “como a possibilidade de descobrirmos no outro alguém aventureiro, corajoso, forte, confiante e bem-sucedido, indo para além de um discurso focado na possibilidade de falhar ou de sofrer algum acidente” (cit. por Bilton, Bento, & Dias, 2017, p.66). Neto (Skip, 2016), que refere que “quanto mais as crianças são expostas a riscos, mais capacidade de segurança adquirem (...) crianças com mais experiência de brincadeiras têm mais capacidade de controlarem os riscos e mais segurança vão ter”, as crianças só poderão ser capazes de se colocar em segurança quando lhes for dado às mesmas a liberdade e espaço para avaliar os riscos e de enfrentar os imprevistos.

## **Capítulo 2 – Metodologia**

### **2.1. Natureza do estudo**

Neste capítulo, iremos abordar a questão principal do estudo, bem como dar a conhecer as opções metodológicas adotadas. Serão ainda apresentados os detalhes sobre o local onde decorreu a investigação e sobre os participantes envolvidos, assim como, a metodologia utilizada, o processo de recolha de dados, a análise e tratamento dos mesmos.

Com o objetivo de analisar e verificar os processos num contexto natural, juntamente com o propósito de descrever e compreender uma situação específica, considerou-se que a pesquisa deveria seguir uma abordagem de natureza qualitativa descritiva. Segundo Bogdan e Biklen (2007), os estudos qualitativos são caracterizados pela sua flexibilidade em comparação com os estudos quantitativos, os mesmos são utilizados com o objetivo de compreender de forma abrangente o comportamento e a experiência dos participantes. Estes “tentam compreender melhor o processo mediante o qual as pessoas constroem significados e descrevem em que consistem esses mesmos significados” (p.70). Ainda de acordo com os mesmos autores, a investigação qualitativa é descritiva e o ambiente onde decorre o estudo torna-se no principal instrumento de recolha de dados. Desta forma, visa-se documentar e analisar o contexto em questão, fazendo-o de forma cuidadosa e mais fiel à realidade, procurando essencialmente “a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação” (p.16).

A metodologia usada tem como propósito formular interpretações ou entendimentos e, através das informações recolhidas, descobrir as múltiplas realidades vivenciadas pelos participantes da investigação, uma vez que, de acordo com Bodgan e Biklen (2007), “são as realidades múltiplas e não uma realidade que interessam ao investigador qualitativo” (p.62).

### **2.2. Objetivos do estudo**

O estudo em questão tem como objetivo compreender a visão dos adultos e famílias face aos riscos presentes no exterior. Estando o grupo em estudo permanentemente em contexto exterior, o presente estudo procura identificar e analisar

os conhecimentos prévios das famílias em relação a este tipo de contexto, compreender os possíveis receios dos adultos relativamente aos riscos associados ao brincar e aprender no exterior, bem como identificar as estratégias utilizadas pelos adultos face aos riscos presentes.

### **2.3. Questões de investigação**

Neste sentido, pretende-se analisar os conhecimentos e os eventuais receios dos adultos face aos riscos existentes no exterior. Desta forma, foram delineadas as seguintes questões de investigação tendo em consideração o que se pretende analisar no presente estudo:

- Identificar os conhecimentos dos adultos e famílias acerca dos riscos no exterior;
- Identificar os receios sentidos pelos adultos e famílias no exterior;
- Compreender as perspetivas dos adultos e familiares face ao contacto das crianças com o risco no exterior.

### **2.4. Participantes e Contexto Educativo**

A instituição, na qual desenvolvemos este trabalho, encontra-se integrada numa serra, num espaço público do concelho de Oeiras, em funcionamento desde 2020. A escola em si não possui nenhuma infraestrutura própria, uma vez que partilha o espaço com o ambiente circundante, dessa forma, não existe qualquer vedação a delimitar o espaço da instituição, o que significa que o acesso à mesma pode ser realizado por qualquer pessoa que queira passear pela serra. A escola encontra-se perto da estrada, que apesar de aumentar os riscos associados à mesma, facilita a entrega das crianças. O mesmo espaço foi escolhido por ser uma zona que oferece uma ampla visibilidade, permitindo que as crianças se movimentem livremente sem que os adultos as percam de vista, mas também por ser um ambiente composto por um conjunto de árvores que oferecem sombra nos dias de maior calor, permitem montar abrigos em dias de chuva, montar baloiços, permitindo que as crianças trepem às árvores.

Como mencionado, ao contrário das escolas convencionais, esta instituição não dispõe de edifícios ou instalações específicas para o funcionamento escolar. Esta falta de infraestrutura cria uma atmosfera única, permitindo que as crianças cresçam em contacto direto com a natureza. A escola encontra-se num ambiente naturalmente diversificado, rodeada de natureza, que abrange uma ampla quantidade de flora e fauna, sendo um local rico de diversidade biológica. Rodeados por uma natureza exuberante e deslumbrante, as crianças têm a oportunidade de se desenvolverem e crescerem num ambiente harmonioso. A diversidade biológica presente no local permite, também, uma experiência de aprendizagem enriquecedora e única, onde as crianças aprendem mais sobre as diferentes espécies vegetais e os diferentes animais existentes na serra. Além disso, a falta de infraestruturas convencionais oferece um ambiente desafiador, que permite estimular a criatividade e o pensamento crítico das crianças, que são incentivadas a adaptar-se às circunstâncias e a utilizar os recursos naturais disponíveis para as suas atividades.

A escola possui um baú, que é utilizado para apoio das técnicas e onde é guardado todo o material essencial para o dia-a-dia na escola. O baú tem dimensões reduzidas, o que limita a quantidade de material disponível, mas, por outro lado, estimula a criatividade das crianças, encorajando-as a explorar, a criar e a utilizar os recursos naturais disponíveis ao seu redor. Uma vez que a escola se encontra num espaço público, existe um esforço da equipa técnica para preservar o local e não sobrecarregar o espaço com materiais que não sejam naturais. Por isso, durante o dia, são colocados alguns baloiços nas árvores, é colocada uma cozinha de madeira pequena e discreta e existem ainda duas paletes de madeira que são usadas para servir de mesa durante o almoço. Nos períodos de chuva é colocada uma lona para que as crianças se possam abrigar. A serra possui uma área de 6 quilómetros quadrados, que é diariamente explorada pelas crianças nas suas habituais caminhadas.

**Figura 1**

*Espaço de brincadeira com vista para a estrada*



**Figura 2**

*Baloiços colocados nas árvores*



**Figura 3**  
*Báu de apoio*



**Figura 4**  
*Construções realizadas pelas crianças e adultos*



### **2.4.1. Caracterização das crianças**

A escola é composta por um total de onze crianças, das quais uma frequenta a escola, uma vez por semana, como um complemento ao *home schooling*, as outras cinco crianças frequentam a escola diariamente, e as restantes cinco comparecem menos vezes, em dias alternados. Dessas onze crianças, duas são do sexo feminino e nove são do sexo masculino, todas com idades entre dois e três, com exceção da criança que participa em contexto de ensino domiciliar que se encontra no 1º ciclo, com nove anos.

#### **2.4.1.2. Participantes**

Neste estudo, os participantes foram três pais do grupo de crianças que frequentam a escola e duas técnicas que trabalham na mesma. Os pais entrevistados, foram duas mães e um pai, na faixa etária entre os trinta e quarenta anos. Apesar de não se ter estipulado nenhum critério de seleção, a escolha dos pais foi feita através das observações e diálogos prévios, onde se constatou a disponibilidade dos mesmos para permanecerem na escola nos períodos da manhã e, para participarem na entrevista. As entrevistas realizadas às técnicas e às famílias foram conduzidas de forma isolada e em dias separados com o propósito de garantir a autenticidade das mesmas.

## **2.5. Instrumentos e Técnicas de recolha**

A concretização dos objetivos do estudo está dependente da seleção das técnicas e instrumentos de recolha de dados durante o processo de pesquisa, sendo esta uma etapa importante para o investigador. Os instrumentos e técnicas de recolha de dados são essenciais para poder resolver, descrever e compreender as informações desempenhando um papel fundamental no processo de investigação necessário para obter dados relevantes e necessários para a investigação em questão (Aires, 2011)

Neste estudo, foram utilizadas técnicas diretas, utilizando os seguintes instrumentos para obter informações: a observação direta, diário de bordo e as entrevistas aos familiares e às técnicas.

## Capítulo 3 – Apresentação e Discussão dos Resultados

Após dar-se por concluída a fase de recolha de dados, torna-se importante proceder à análise, interpretação e discussão das informações obtidas. No estabelecimento onde decorreu a investigação foram realizadas entrevistas à equipa educativa e a alguns familiares, com o propósito de conhecer e analisar as suas perceções e perspetivas referentes ao risco em contexto de exterior, na natureza.

No total, foram entrevistadas duas técnicas e três encarregados de educação. Devido à diversidade de visões apresentadas em cada entrevista, as transcrições das mesmas encontram-se disponíveis no capítulo “Apêndices” (apêndice II) para consulta.

No que concerne à legitimidade das entrevistas, todos os participantes concordaram em participar voluntariamente neste estudo, assim como concederem a autorização para a realização das entrevistas e para a utilização exclusiva dos dados recolhidos para fins desta investigação.

Procedeu-se, de seguida, à análise de cada questão das entrevistas. As perguntas foram divididas em dois grupos, um grupo de questões colocadas às técnicas e outro grupo de questões colocadas às famílias. Desta forma, e com o intuito de compreender a opinião<sup>1</sup> e visão de cada entrevistado em cada uma das questões colocadas, considerou-se pertinente para o estudo em questão, analisar o conjunto das respostas para cada questão, agrupando-as. De forma a garantir a privacidade de cada entrevistado, as técnicas estão representadas na entrevista como Técnica A e Técnica B e as famílias, como Família A, B e C.

### 3.1. Discussão dos resultados das Técnicas

As questões colocadas às técnicas foram as seguintes:

- Na sua ótica, identifica-se com o modelo de “Forest School” e quais considera ser as principais vantagens para as aprendizagens das crianças?
- O que considera ser uma situação de risco?
- Que relação estabelece entre risco e segurança

1- Sempre que se considerem importantes estão incluídas algumas transcrições das entrevistas realizadas

- Observando à sua volta, consegue identificar qual a situação que causará mais risco para a criança?
- Como vê, na sua opinião, o contacto da criança com o risco?
- No dia-a-dia incentiva as crianças a enfrentarem situações de risco?
- Na sua opinião, considera que as crianças que frequentam este espaço escolar têm capacidade para avaliar e identificar o risco nas situações decorrentes do quotidiano? Se sim, porquê?
- Qual a postura que adota quando supervisiona/observa as crianças em situações de risco?
- Antes de intervir, espera para ver se a criança consegue lidar com os riscos sozinha? Porquê?

*1º questão: Na sua ótica, identifica-se com o modelo de “Forest School” e quais considera ser as principais vantagens para as aprendizagens das crianças?*

Relativamente à primeira questão, ambas as técnicas se identificam com o modelo em questão e, igualmente apresentam a capacidade de identificar as vantagens de aprendizagem e desenvolvimento das crianças através modelo, referindo, no entanto, alguns aspetos díspares entre si. A Técnica A (TA), valoriza o modelo *Forest School* como uma forma de aprendizagem que permite às crianças escolherem a forma como querem aprender e que permite que as mesmas explorem os seus interesses, onde de acordo com a mesma, “tem oportunidade de explorar o mundo que as rodeia e a oportunidade de arriscar”. Esta técnica, acredita ainda, que essa liberdade de escolha e autonomia para experimentar é fundamental para o desenvolvimento das crianças. Já a Técnica B (TB), destaca a conexão à natureza como a principal vantagem de aprender ao ar livre. A mesma acredita que, estar em contacto com a natureza permite uma aprendizagem mais significativa e holística em comparação com o ambiente de uma sala de aula tradicional. Embora reconheça os desafios associados ao contacto com a natureza, a técnica acredita que esta abordagem mais natural oferece um potencial de aprendizagem superior.

Desta forma, podemos observar uma concordância entre as duas técnicas entrevistadas sobre a eficácia do modelo *Forest School*, apesar das suas perspetivas

divergirem em relação às razões subjacentes à sua eficácia. Dos diferentes pontos mencionados, de uma forma sucinta, é possível verificar que ambas reconhecem as vantagens proporcionadas pelo espaço exterior ao ar livre para o desenvolvimento da criança e a aprendizagem da mesma. Compreende-se que, a partir das perspetivas das técnicas, os espaços ao ar livre permitem uma abordagem do currículo “de forma relevante e única, potenciando (...) o desenvolvimento de aprendizagens sólidas e significativas” (Bento, 2015, p.133). Opinião partilhada pelas técnicas que demonstra um conhecimento sobre a importância dos espaços exteriores, mas também sobre o desenvolvimento e aprendizagens das crianças.

*2º questão: O que considera ser uma situação de risco?*

Nesta segunda questão, a TA, destaca que uma situação de risco não se limita apenas aos perigos físicos, mas também, pode envolver os riscos emocionais, como disputas ou brigas, que por vezes terminam em disputas físicas. A mesma enfatiza a importância de reconhecer que o risco é uma probabilidade, uma incerteza, que pode ou não ocorrer. É ainda destacado pela técnica a necessidade de se abordar a temática do risco com as famílias e ressalta que a exposição a situações de risco podem ser uma oportunidade para as crianças aprenderem e se desenvolverem. Já a TB, reconhece que ainda tem dificuldades em lidar com situações de risco, especialmente situações que envolvam elementos naturais, como pedras e paus. Essa preocupação, que por vezes demonstra vem da educação recebida, onde foi ensinada a ter muito cuidado. A mesma considera que, devido à imaturidade das crianças nesta faixa etária, por vezes o contacto com elementos pode representar um risco real, como o de ferir um colega. Para além disso, a técnica aponta que o ambiente natural onde se encontram inseridos também apresenta alguns riscos externos, como animais ou pessoas mal-intencionadas. Por último, a técnica enfatiza que a proteção e, também, o pensamento positivo são essenciais para lidar com as situações de risco. Esta opinião representa um trabalho em desenvolvimento em relação ao entendimento do risco em contextos naturais com crianças, sendo ainda para a mesma algo que está a “trabalhar para poder considerar natural”.

Desta forma, compreende-se que existe, por parte das técnicas, uma forma distinta de entender e encarar o risco, influenciado pela respetiva educação, onde ambas as

técnicas reconhecem a complexidade do tema do risco, assim como reconhecem a necessidade de trabalhar em si mesmas a aceitação do risco como algo natural, para que estejam preparadas para “proporcionar e acompanhar estas experiências, gerindo a necessidade de garantir segurança da criança” (Bento, 2015, p.132).

*3º Questão: Que relação estabelece entre risco e segurança?*

Nesta opinião, a TA acredita que as crianças devem vivenciar o risco e experimentá-lo para aprender a estar seguras. A mesma considera que o risco é uma forma de aprendizagem e, ao enfrentá-lo, as crianças aprendem a proteger-se e a manterem-se seguras. Os riscos, para a técnica, são vistos como probabilidades e incertezas, que não devem estar necessariamente associados a algo negativo. Por último, destaca a importância de observar e avaliar constantemente as diferentes situações para garantir a segurança das crianças. Acreditando que “é possível expor as crianças a diferentes tipos de riscos, sem colocar em causa a segurança das mesmas”. A TB expressa a sua dificuldade em permitir que as crianças se envolvam em situações de risco, mesmo com os pais velhos, como o seu filho de 9 anos. Acredita que o risco deve ser acompanhado por regras controladas para garantir a segurança. Para a mesma é fundamental estabelecer limites e "barreiras seguras" para que as crianças possam vivenciar diferentes experiências sem colocar em risco sua integridade física ou a de outros. A TB valoriza o equilíbrio entre a autonomia das crianças e a garantia da sua segurança. Por fim, reconhece que a sua educação, marcada por receios e cautela, influencia a sua abordagem em situações arriscadas, mas procura encontrar uma forma de proporcionar experiências enriquecedoras para as crianças dentro dos limites seguros.

A partir destas perspetivas, compreende-se que existe uma perspetiva partilhada pelas duas técnicas de preocupação em relação à questão dos riscos, embora as suas abordagens e ênfases variem. Ambas partilham da opinião que o risco é uma oportunidade de aprendizagem, “reconhecendo-se que através deste se mobilizam competências” (Bento, 2015, p.132). Contudo, a técnica A acredita que as crianças devem vivenciar o risco para aprenderem a manterem-se seguras, já a técnica B, que também valoriza as aprendizagens adquiridas por meio do risco, adota uma abordagem mais prudente, havendo para a mesma uma necessidade de estabelecer regras de forma a garantir que existe segurança das crianças nos seus momentos de brincadeira arriscada.

*4º Questão: Observando à sua volta, consegue identificar qual a situação que causará mais risco para a criança?*

Nesta opinião, a TA reconhece que as pedras, as alturas, os paus e a proximidade da estrada, são os principais desafios quando se pretende oferecer um ambiente seguro para as crianças na natureza. A própria destaca que estes elementos podem levar a situações de risco, como ferimentos ao atirar pedras, quedas ao subir em árvores ou um outro tipo de acidentes ao realizar-se brincadeiras com os paus. A maior preocupação da mesma é a possibilidade de as crianças correrem para a estrada, representando o maior risco para sua segurança física. Quando questionada sobre esta pergunta, observamos que a TB reconhece no espaço da natureza o mesmo receio que a TA, enfatizando que a maior preocupação em relação aos riscos físicos é a proximidade da estrada. A própria destaca que se uma criança decidir ir para a estrada, mesmo que raramente isso tenha acontecido, representa o maior risco para a segurança. Portanto, considera fundamental estar presente e atenta quando as crianças estão em áreas próximas à estrada para evitar qualquer incidente. A mesma ressalta que esse é um fator externo à floresta que não pode ser totalmente controlado, dependendo também do comportamento dos motoristas, e, por isso, é uma preocupação constante em garantir a segurança das crianças.

Desta forma, compreende-se que ambas as técnicas identificam a proximidade da estrada como o maior risco físico para a criança, assim como a principal preocupação em termos de segurança. Ambas destacam que, embora raramente isso aconteça, a possibilidade de uma criança correr para a estrada representa um perigo real para a sua integridade. As diferentes ofertas e funções do espaço exterior exigem do educador um olhar atento, uma reflexão constantemente sobre as suas potencialidades e qual a melhor forma de usar e organizar o espaço e, que estes “atendam a critérios de qualidade, com particular atenção às questões de segurança” (Silva et al., 2016, p.27). No fundo, as técnicas, detêm o mesmo ponto de vista de Neto (2020), defendendo a importância de as crianças correrem riscos, uma vez que, as “crianças que se confrontam com o risco têm mais segurança e, em oposição, crianças que não se confrontam com o risco estão mais propensas ao acidente” (p.73), reconhecendo, contudo, a necessidade de estarem presentes e atentas às brincadeiras das crianças.

*5º Questão: Como vê, na sua opinião, o contacto da criança com o risco?*

A TA, destaca a mesma destaca a importância de saber gerir e distinguir entre risco e perigo. Enfatizando que os perigos sempre existirão, mas que é essencial minimizar os riscos que possam afetar a segurança física das crianças. E, mais uma vez, reforça que os riscos são probabilidades de ocorrência de perigos e, portanto, é importante estar atento, mas também deixar as crianças experimentarem. A técnica acredita que quanto mais as crianças são expostas ao risco, maior é a sua capacidade de se manterem seguras. Já a TB destaca que, a percepção do risco varia de criança para criança. Algumas têm maior percepção dos riscos, enquanto outras são mais aventureiras e procuram constantemente expandir seus limites. A mesma ressalta a importância de conhecer cada criança individualmente para avaliar a sua postura perante situações de risco. Afirma por isso que, as crianças mais destemidas podem requerer uma atenção redobrada para garantir a sua segurança. E, por último, reforça que na dinâmica de trabalho em grupo, é fundamental compreender as diferentes abordagens ao risco de cada criança e fornecer suporte adequado para a sua gestão.

A partir destas reflexões das técnicas verificou-se, mais uma vez, a concordância entre ambas sobre a exposição da criança ao risco, onde as mesmas enfatizam a necessidade de diferenciar entre risco e perigo, assim como compreender a percepção individual que cada criança tem sobre o risco e ainda a necessidade constante de observar as situações, uma vez que, “existem limites no risco, que só podem ser consciencializados se as crianças viverem experiências suficientemente desafiantes e, em muitos casos, com uma supervisão adulta atenta” (Neto, 2020, p.73) De acordo com o mesmo autor, e uma ideia também partilhada pelas técnicas “quanto mais risco mais segurança”(p.75), desta forma, ambas creem na necessidade de promover a capacidade de autogestão dos riscos pelas crianças.

*6º Questão: No dia-a-dia incentiva as crianças a enfrentarem situações de risco?*

Nesta sexta questão, apesar de se verificar uma concordância sobre a importância do risco, constatamos que na opinião da TA, a mesma reconhece os seus receios quando vê as crianças envolvidas em atividades desta natureza, como atirar pedras, subir em árvores altas ou aproximar-se da estrada. No entanto, a própria destaca a importância de trabalhar em si mesma e junto das crianças esta questão para aprender a gerir melhor

esses receios. Mesmo que, por vezes, ainda dê por si a avisá-las sobre os perigos, a técnica refere a importância de aprender a fazer perguntas para avaliar a concentração e a segurança das crianças. Por último, a mesma admite que é um processo de aprendizagem contínua para permitir que as crianças façam as coisas por si mesmas e desenvolvam as suas habilidades. Já a TB, admite que não incentiva as crianças a enfrentarem situações de risco, referindo que tem aprendido a permitir que as crianças experimentem riscos, mas não é alguém que as encoraja ativamente a fazê-lo. A sua abordagem é mais cautelosa, e reconhece que existem outras pessoas na equipa que já possuem essa característica de incentivar mais as crianças a enfrentarem os desafios e riscos.

Apesar das diferentes abordagens, ambas as técnicas, de acordo com as mesmas, encontram-se num processo de reflexão e aprendizagem contínua em relação às suas atitudes no que diz respeito ao incentivo das crianças a enfrentarem riscos. As mesmas compartilham o desejo de superarem os seus próprios receios e de “apoiar a autonomia da criança ao nível da gestão de riscos e desafios” (Christensen & Mikkelsen, 2008; Green & Hart, 1998 cit. por Bento e Portugal, 2016), permitindo o desenvolvimento seguro das crianças em ambientes de aprendizagem ao ar livre.

*7º Questão: Na sua opinião, considera que as crianças que frequentam este espaço escolar têm capacidade para avaliar e identificar o risco nas situações decorrentes do quotidiano? Se sim, porquê?*

Em relação à sétima questão, verificou-se, uma vez mais, que as entrevistadas estavam em concordância. Todavia, considera-se relevante mencionar alguns aspetos individuais que sobressaíram nas suas respostas. Na opinião da TA, as crianças que crescem com liberdade para experimentar, arriscar e movimentar-se livremente aprendem a conhecer o seu corpo e os seus limites de forma mais profunda. A mesma refere ainda que as crianças que têm essa liberdade “sabem e conhecem melhor as questões do equilíbrio, sabem como devem cair, como devem colocar o corpo para não se magoarem tanto”. Já na opinião da TB, esta refere que as crianças que vivenciam a natureza têm uma abordagem menos restrita em relação aos riscos, enquanto as outras crianças estão mais acostumadas a seguir regras e orientações de adultos em situações arriscadas. As crianças da floresta tendem a vivenciar as situações de forma mais individual e avaliam os riscos com maior autonomia, sem depender tanto da avaliação dos adultos. Por outro lado, nas

escolas tradicionais, verifica-se uma maior interferência dos adultos na avaliação do risco, o que pode limitar a capacidade das crianças de avaliarem por si mesmas. Em contraste, acredita que as crianças que frequentam o ambiente da floresta têm uma maior capacidade para avaliar e gerir os riscos de forma independente.

Apesar de partilharem diferentes abordagens os pontos comuns que ambas as técnicas indicam mostram que as mesmas reconhecem que a exposição das crianças a ambientes exteriores “exige uma atitude de profundo respeito, reconhecimento e compreensão das capacidades e interesses das crianças (criança ativa e competente)” (Bento e Portugal, 2016). As mesmas acreditam que a exposição a este tipo de contextos promove uma maior capacidade e autonomia na avaliação e gestão de riscos, permitindo que as crianças desenvolvam uma compreensão mais profunda acerca do seu corpo e dos seus limites, sendo estas “experiências fundamentais na estruturação de uma cultura lúdica infantil (Neto, 2020).

*8º Questão: Qual a postura que adota quando supervisiona/observa as crianças em situações de risco?*

Nesta última questão, mais uma vez observamos a concordância entre as opiniões das duas técnicas. A TA salienta que tenta limitar-se a observar as crianças e permitir que vivenciem experiências de forma autónoma, intervindo verbalmente somente se perceber uma situação de perigo iminente ou se a criança estiver ultrapassando os seus limites físicos. A intervenção física é usada apenas em último caso, a técnica destaca a prioridade da autonomia das crianças e procura evitar situações perigosas. Já a TB, enfatiza a importância de observar as crianças enquanto elas vivenciam experiências de forma autónoma. A mesma explica-nos que intervém verbalmente ou fisicamente apenas se perceber que a integridade física das crianças está em risco. Contudo, a técnica também reconhece que está a aprender a observar se as crianças podem lidar com as situações por si mesmas, embora às vezes a sua ansiedade possa interferir. Salienta, contudo, a sua necessidade de superar essa ansiedade enraizada por razões educacionais e continuar a desenvolver as suas habilidades de observação para garantir a segurança e a autonomia das crianças.

Apesar das nuances individuais, os pontos comuns refletem que ambas as técnicas compartilham uma abordagem que prioriza a autonomia das crianças, enfatizando a

necessidade e importância de observar de forma cuidadosa as crianças enquanto as mesmas estão envolvidas nas suas brincadeiras, contudo “a supervisão do adulto não pode ser tão excessiva e/ou intrusiva que impeça o confronto com desafios”. Uma ideia com a qual estão de acordo uma vez que, ambas concordam que a intervenção seja verbal ou física deve ocorrer somente quando existe uma ameaça à integridade física das crianças, destacando o papel importante do educador que deve “adotar uma atitude flexível na avaliação das situações” e, ainda, reforçando a necessidade de permitir que as crianças ajam autonomamente, acreditando nas suas capacidades para lidar com as diferentes situações (Davies, 1997; Smith,1998 cit. por Bento e Portugal, 2016).

## Síntese

Ao longo das entrevistas realizadas às técnicas (A e B), é perceptível ver que as mesmas estão em concordância em muitos aspetos e, também, observar as suas divergências em relação ao modelo Forest School. De forma a sistematizar e a sintetizar as respostas mais relevantes das entrevistas realizadas às técnicas, assim como evidenciar os pontos comuns e divergentes entre as técnicas, apresentam-se dois esquemas (figura 5 e 6).

**Figura 5**  
*Entrevista às Técnicas - Pontos comuns*

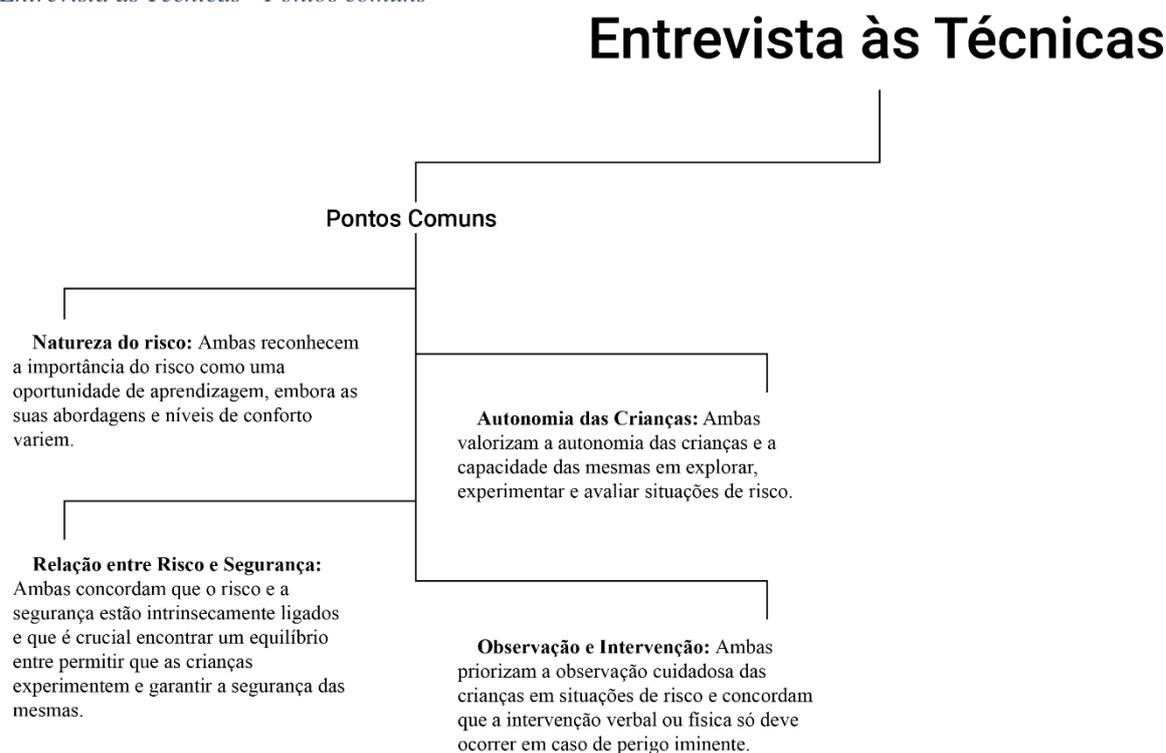
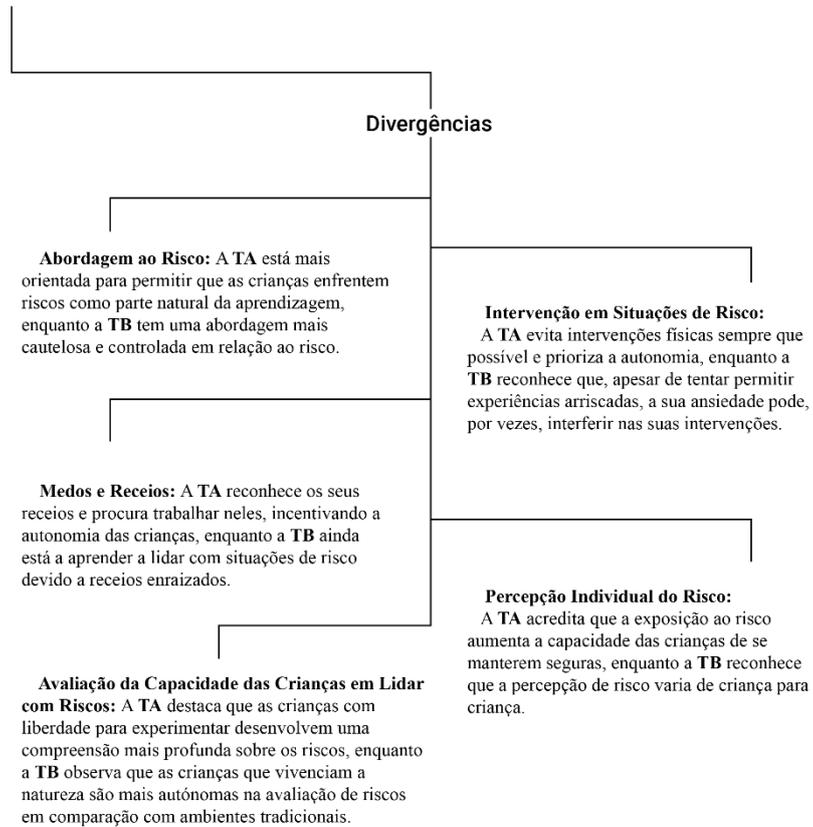


Figura 6  
Entrevista às Técnicas - Divergências

## Entrevista às Técnicas



Em suma, é possível observar que ambas as técnicas compartilham uma base sólida de reconhecimento da importância do risco e da autonomia das crianças no seu desenvolvimento. As abordagens individuais refletem as experiências pessoais, a educação e os processos de aprendizagem contínua. Enquanto a TA predispõe-se a permitir mais exposição ao risco como parte da aprendizagem, a TB adota uma abordagem mais prudente, contudo, ambas procuram proporcionar um ambiente seguro e enriquecedor para as crianças. Através das suas partilhas verificou-se que o cuidado, a reflexão e a constante evolução na prática pedagógica são componentes centrais no trabalho destas técnicas em ambiente de aprendizagem ao ar livre.

### 3.2. Discussão dos resultados das Famílias

Neste segundo grupo de questões colocadas às famílias consideram-se as seguintes:

- O que o levou procurar uma *Forest School* e, escolher esta escola em particular?
- Na sua ótica, o que considera ser uma situação de risco? Consegue dar-me alguns exemplos?
- No seu entender, considera importante expor o seu educando a este tipo de risco? Porquê?
- Na sua opinião, considera que as crianças têm capacidade para avaliar e identificar o risco nas situações decorrentes do quotidiano? Se sim, porquê?

*1ª Questão: O que o levou procurar uma Forest School e, escolher esta escola em particular?*

Nesta primeira questão observamos a opinião dos pais referentes às suas escolhas ao inscreverem os seus filhos numa *Forest School*, onde observamos um desagrado geral, por parte das famílias, com a escola pública. A família A (FA) partilha que a experiência numa escola tradicional não foi a mais positiva para a família, mas sobretudo para a filha. Sentiram falta de alinhamento com a abordagem da escola e decidiram procurar outras alternativas. Encontraram na escola atual a liberdade desejada para a filha, além do carinho e disponibilidade que consideram fundamentais. Os mesmos consideram ainda que a escola atual oferece às crianças o ambiente ideal para a educação das mesmas. Já a família B (FB) menciona que escolheu a escola da floresta em particular devido à proximidade da sua casa, o que considera vantajoso. Além disso, a família partilhou ainda que anteriormente a esta escola tinha tentado uma escola mais tradicional para o filho, mas percebeu que essa abordagem não se adequava a ele. Na procura de uma alternativa, encontraram a *Forest School*, sentindo-se afortunados atendendo às necessidades e preferências do filho. Por último, a família C (FC), partilhou que procurou uma escola alternativa porque desejava que seus filhos tivessem um dia menos estruturado, e que a ênfase do dia-a-dia fosse no tempo ao ar livre. Inicialmente, a opção de ficar predominantemente num ambiente exterior não era um critério obrigatório, contudo, após

descobrir essa possibilidade, pareceu ser a melhor escolha para a família e para seu filho, uma vez que se alinhava com os interesses do mesmo. A escola em questão foi visitada e aprovada pelos pais e pelo filho.

Nas respostas das famílias (FA, FB e FC), podemos identificar alguns pontos comuns que refletem as razões subjacentes à escolha da *Forest School* em detrimento das escolas tradicionais. Todas as famílias partilham uma experiência insatisfatória com as escolas tradicionais, sendo perceptível um ponto comum: a procura por alternativas mais alinhadas com as características individuais dos seus filhos, assim como, a valorização da liberdade e do espaço exterior. Deste modo, a escolha de uma *Forest School* é resultado de uma procura de uma ação educacional mais alinhada com as perspetivas educacionais das famílias e filhos, assim como, uma abordagem mais personalizada.

*2º Questão: Na sua ótica, o que considera ser uma situação de risco? Conseguir dar-me alguns exemplos?*

Na segunda questão colocada às famílias, observamos um receio comum: a estrada e o respetivo tráfego a sua maior preocupação. A FA identifica a estrada como a principal preocupação, devido à segurança da criança. As outras brincadeiras praticadas pela criança, como subir árvores, brincar com as pedras e paus, a família já não as considera como riscos, mas sim como parte da formação da mesma. E, embora haja consciência dos possíveis riscos associados a esse tipo de brincadeiras, esta família percebe a importância dessas experiências. Apesar da estrada ser considerada um risco maior, assim como afastamento das crianças, ou a passagem de estranhos na floresta, a família partilha que encara cada vez mais com naturalidade esses riscos, e que observa na filha “como ela já fica aqui, a brincar, sem sequer se aproximar da estrada”, sendo algo natural e do quotidiano da mesma. A FB e FC consideram mutuamente que, situações como atravessar uma estrada com carros são situações que deixam as famílias mais preocupadas. Embora maioritariamente os dias as crianças sejam passados na serra, durante os períodos do outono e primavera a escola opta, uma vez por semana, por realizar as suas atividades na praia, para que as crianças tenham oportunidade de vivenciar novos estímulos e experiências, brincando na areia e junto do mar. No mês de agosto a escola costuma, uma vez por semana, deslocar-se a um parque de campismo para fazer uso da piscina. Apesar de ambas as crianças participarem nas idas à praia e piscina, as famílias referem que

situações onde existe contacto com água, especialmente em situações com piscinas ou no mar, são igualmente circunstâncias que deixam as famílias mais desconfortáveis.

A partir das respostas das famílias a esta segunda questão, é possível identificar pontos comuns, onde todas mostram, de uma forma unânime, uma preocupação em relação à estrada e ao tráfego da mesma. No que diz respeito às outras brincadeiras ao ar livre, que também acarretam alguns riscos, como subir às árvores, brincar com pedras e paus, todas as famílias compartilham uma visão semelhante. Esta visão mencionada pelas famílias remete-nos para o estudo realizado por Niehues et al. (2013), que aborda as diferentes perspetivas dos pais sobre o risco, os mesmos autores argumentam que os pais tendem a perceber o risco de acordo com as suas próprias experiências. Os mesmos referem que as crianças estão dependentes dos adultos para envolverem-se em atividades de risco, e que o seu envolvimento está dependente, em parte, pela própria visão que o adulto faz do risco. É desta forma importante consciencializar os adultos para a importância do brincar e do brincar arriscado nas primeiras idades, assim como, os seus benefícios para o desenvolvimento humano (Neto, 2020). Verificou-se, desta forma, ao longo das respostas dadas pelas famílias que as suas perspetivas referentes a possíveis riscos no espaço frequentado pelas crianças são mais despreocupadas, uma vez que, as mesmas não consideram essas brincadeiras como riscos significativos, mas sim como parte do processo de formação das crianças uma vez que estão expostas a esse tipo de brincadeiras diariamente, as famílias consideram ainda que, embora as brincadeiras com esses elementos possam apresentar alguns riscos, são vistas como importantes para o desenvolvimento das crianças. Neste contexto, as perspetivas das famílias

*3º Questão: No seu entender, considera importante expor o seu educando a este tipo de risco? Porquê?*

Na terceira questão colocada às famílias, observamos como a FA reconhece os seus receios iniciais e como a visão sobre os mesmos tem mudado à medida que compreende e observa a capacidade da filha para estar exposta a situações de risco. Inicialmente, esta família tinha receios com a estrada “e agora observamos como a E. gosta de estar aqui, não se aproxima sequer das árvores perto do passeio”. Observam como todas as crianças conseguem brincar com elementos naturais como paus e pedras sem se magoarem. Acreditam ainda que, essas experiências estão ligadas ao trabalho

desenvolvido na escola. Valorizam a liberdade que é dada às crianças no espaço escolar, mas reconhecem, também, que a escola consegue “passar os limites necessários para a segurança deles”. Por fim, a família acredita que expor o seu educando a estas experiências ajuda-o a lidar melhor com o dia-a-dia e avaliar os riscos. Nas respostas obtidas observamos que as FB e FC não encaram alguns perigos da floresta como perigos, quando colocada esta questão, a FB respondeu primeiramente “A este tipo de risco aqui na floresta? Bem, eu não acho que haja aqui propriamente um grande risco aqui na floresta (risos)”, já a FC reconhece que “se calhar há outras coisas que sejam riscos, mas eu não olho para elas dessa maneira”. A FB identifica que existem alguns riscos em brincadeiras como subir às árvores e mexer em pedras, mas acredita que as crianças aprendem e encontram formas de lidar com as situações, assim como, a avaliar o que é mais arriscado valorizam ainda a presença dos adultos para mediar quando necessário. A família acredita ainda que, as crianças “ficam muito mais à vontade em todo o tipo de contextos estando num contexto como este, mais livre”. Como referido, a FC reconhece que existem alguns riscos, porém, considera que alguns desses riscos são benéficos para o desenvolvimento das crianças. Esta família afirma que, expor as crianças a estes riscos pode ser visto como uma forma de aumentar a confiança, a capacidade de avaliação e a noção de espaço. A família afirma que, “há riscos que eu acho necessários as crianças poderem correr, riscos mais controlados” e, acredita que, as brincadeiras com paus, pedras são normal no quotidiano do seu filho.

Nas respostas das famílias à terceira questão, é possível identificar pontos comuns relacionados com as mudanças na perceção do risco e a valorização da exposição a situações de risco. Os mesmos desejam proporcionar oportunidades que sejam suficientemente seguras para que os seus filhos possam brincar livremente e correndo alguns riscos, uma vez que através dos riscos aprendem a gerir a própria segurança e bem-estar (Brussoni et al. 2012; Grolnick 2009; Niehues et al. 2013; Tulloch and Lupton 2003 cit. por Niehues et al., 2013). Esses pontos comuns refletem uma evolução na visão das famílias sobre os perigos presentes na floresta e o reconhecimento de que os riscos controlados podem ser benéficos para o desenvolvimento das crianças, os mesmos reconhecem a importância de criar “oportunidades e condições de espaço e tempo para que os seus filhos sejam mais autónomos” (Neto, 2020, p.128)

*4º Questão: Na sua opinião, considera que as crianças têm capacidade para avaliar e identificar o risco nas situações decorrentes do quotidiano? Se sim, porquê?*

Na última questão colocada às famílias todas reconhecem nas crianças a capacidade para identificar riscos e lidar com os mesmos. A FA, inicialmente, não considerava que as crianças tivessem essa capacidade para avaliar e identificar situações de risco, contudo, agora consegue observar como as crianças têm a capacidade de identificar situações de risco e como estão a aprender a lidar com as mesmas situações. Mais uma vez, a família reforça o papel importante da escola em ajudar as crianças, e, considera que, a liberdade e a exposição diária a diferentes situações é fundamental para desenvolver essas habilidades. A FB reconhece que, embora a capacidade de avaliar os riscos varia de acordo com a idade das crianças, a mesma observa no filho mais velho a capacidade e compreensão sobre o que pode ser uma situação perigosa, assim como observa que, o mesmo já tem a capacidade de se proteger. Por último, a família destaca que a liberdade e as oportunidades que são oferecidas na escola contribuem para o desenvolvimento da capacidade para avaliar os riscos. A FC acredita que as crianças têm capacidade de avaliar os riscos, especialmente quando são encorajadas e têm liberdade para explorar. Enfatizam ainda que, permitir que as crianças experimentem e lidem com situações de risco contribui para o seu desenvolvimento.

Nas respostas das famílias à última questão, observamos uma concordância relacionada com a perceção da capacidade das crianças para identificar riscos e lidar com eles. A evolução na compreensão das famílias sobre a capacidade das crianças para avaliar e gerir situações de risco, enfatiza, de acordo com as mesmas, a importância da liberdade e das oportunidades oferecidas pela escola. As famílias reconhecem ainda a importância do papel ativo das crianças na construção das suas habilidades para avaliar o risco uma vez que “quanto mais risco, mais criação de segurança. Quanto menos risco, mais propensão para o acidente” (Neto e Lopes, 2017). É através do contacto com a natureza que as crianças se deparam com situações difíceis, sendo estas “uma excelente oportunidade para se educarem a si próprios (...) para desenvolverem a capacidade de avaliação do risco e a capacidade de autorregulação” (Neto, 2016, p.112).

## Síntese

Ao longo das entrevistas realizadas às famílias (A, B e C), é, uma vez mais, notório verificar que as mesmas estão em concordância em muitos aspetos assim como observar as suas diferenças. As diferenças nas respostas apresentadas refletem as perspetivas individuais e as experiências específicas de cada família. Em síntese, e de forma a organizar as respostas mais relevantes das entrevistas realizadas às famílias, assim como apresentar os pontos comuns e divergentes entre as famílias, apresentam-se dois esquemas. (figura 7 e 8).

**Figura 7**

*Entrevista às Famílias - Pontos comuns*

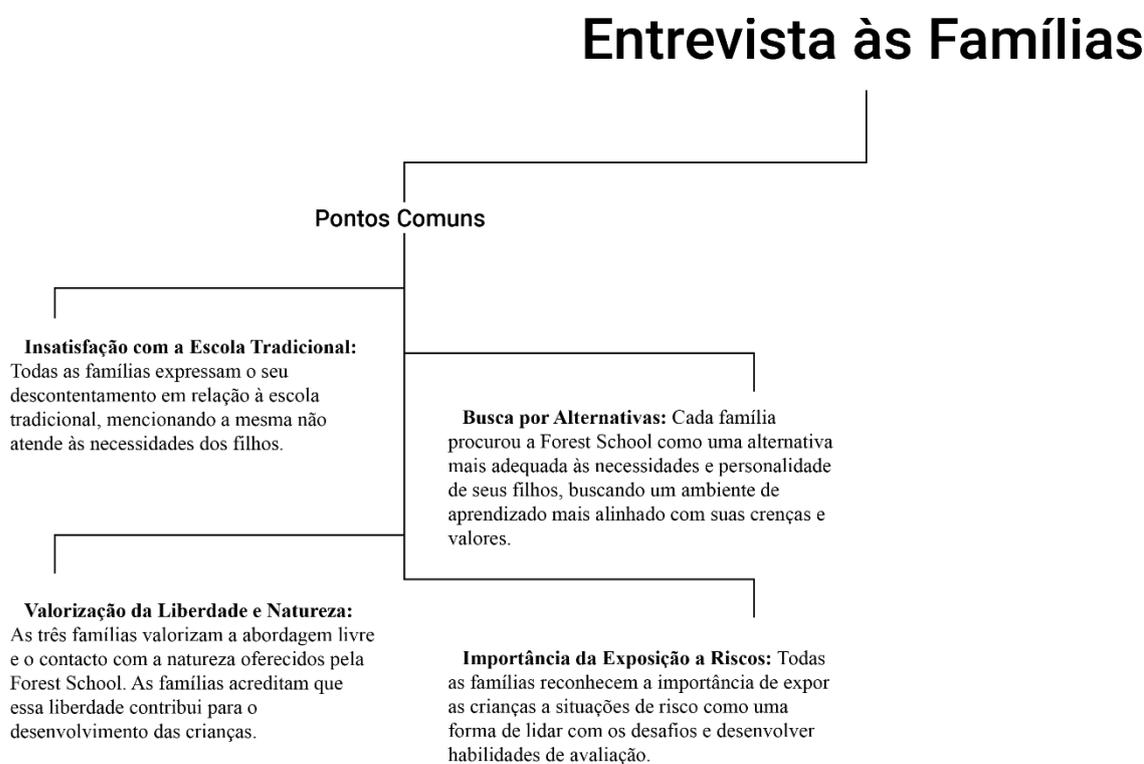
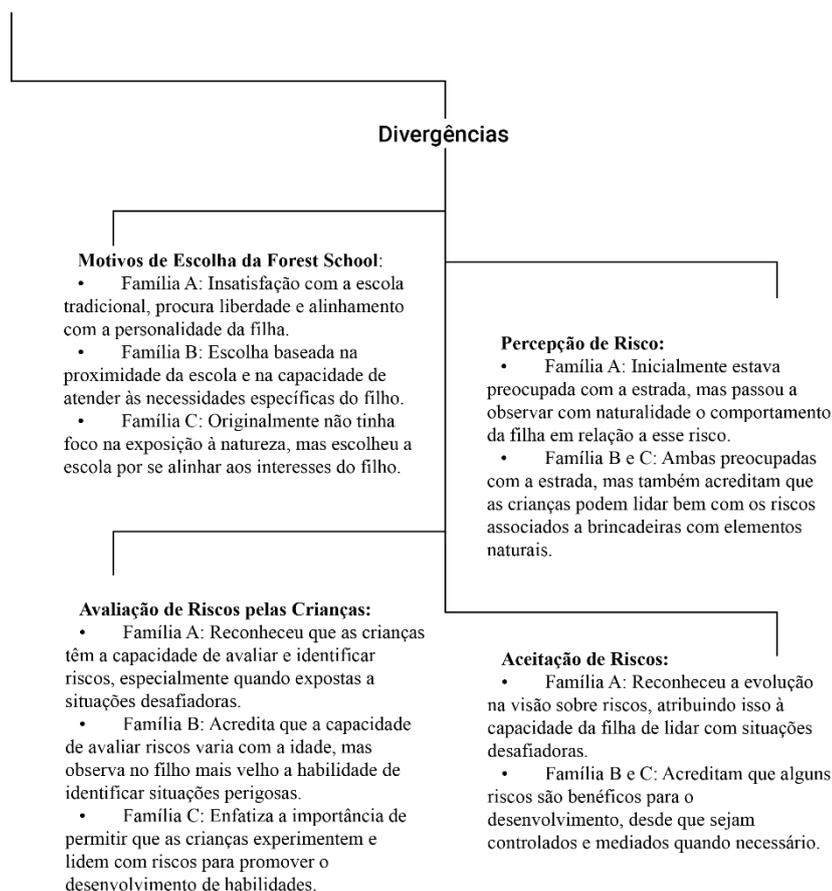


Figura 8  
Entrevista às Famílias - Divergências

## Entrevista às Famílias



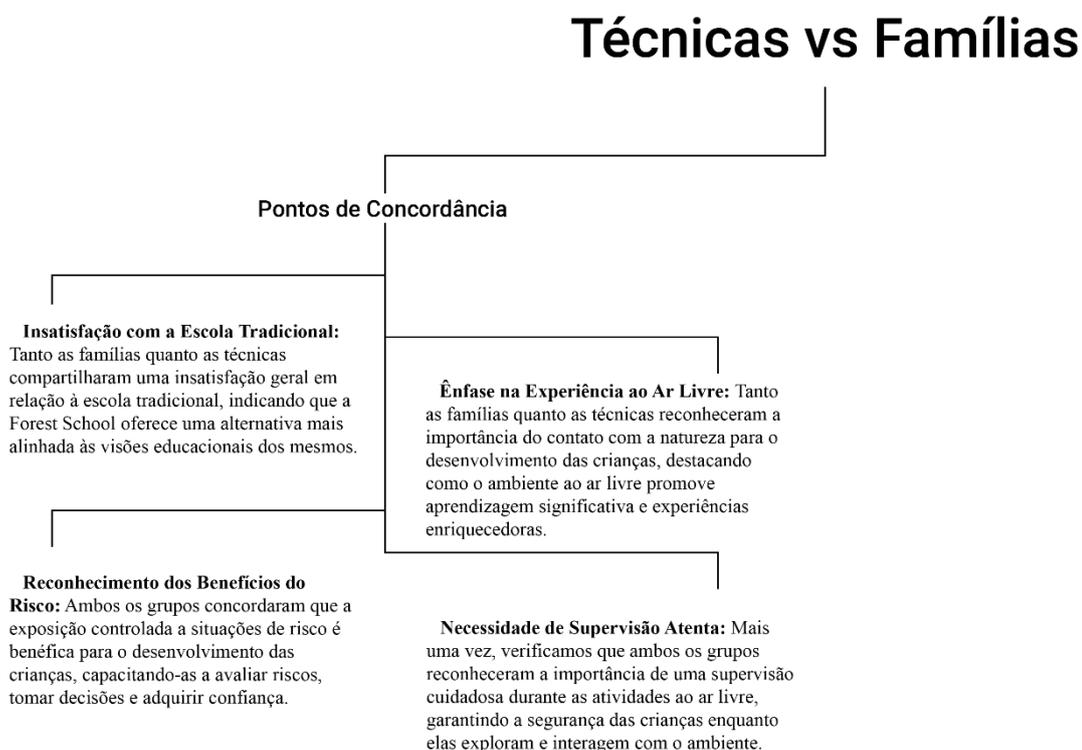
Em resumo, é possível constatar que, apesar das diferentes motivações para escolher a Forest School, todas as famílias compartilham a insatisfação com a escola tradicional e a procura de uma alternativa com ênfase na liberdade, contacto com a natureza e na promoção do desenvolvimento autónomo das crianças. As famílias reconhecem a importância de expor as crianças a situações de risco, apesar de haver variações nas percepções sobre quais os riscos que são aceitáveis e benéficos, as famílias concordam que, as situações desafiantes são importantes para desenvolver as capacidades de avaliação de riscos. As mesmas reconhecem ainda que, as crianças que são incentivadas e têm a oportunidade de explorar e experimentar têm maior capacidade de avaliar e identificar os riscos.

## 3.2. Discussão dos resultados das Técnicas VS Famílias

Ao longo das questões realizadas às técnicas e às famílias, foram explorados diversos aspetos relacionados com a perceção do risco e segurança. Embora existam pontos de concordância entre ambos os grupos (técnicas e famílias), também é possível observar diferenças nas perceções e abordagens. De forma a sintetizar e esquematizar os pontos comuns e diferentes de cada grupo procedeu-se, uma vez mais, a dois esquemas (figura 9 e 10).

**Figura 9**

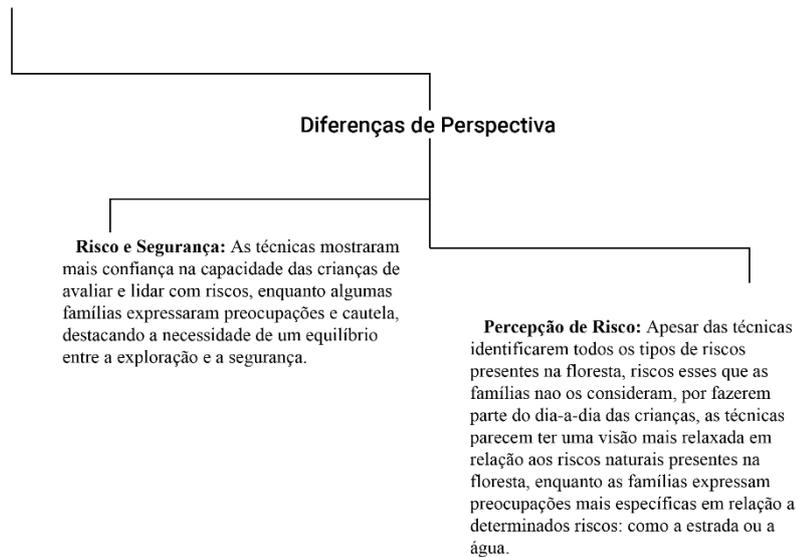
*Entrevista às Técnicas e Famílias – Pontos de concordância*



**Figura 10**

*Entrevista às Técnicas e Famílias - Diferenças de perspectiva*

## Técnicas vs Famílias



Em suma, tanto as famílias como as técnicas reconhecem o valor da *Forest School* na promoção do desenvolvimento e aprendizagem das crianças através do contacto com a natureza e da exposição controlada a situações de risco. No entanto, as diferentes abordagens individuais e visões sobre o risco e segurança influenciam a forma como cada grupo aborda a educação ao ar livre e a gestão de riscos, sendo possível observar que as técnicas identificam na floresta todos os tipos de riscos que podem ocorrer no dia-a-dia, enquanto as famílias focam-se mais nos fatores externos, como a estrada, a velocidade dos condutores e a água. As famílias encaram com naturalidade os riscos provenientes do ambiente natural, uma vez que de acordo com as mesmas, são elementos que fazem parte do quotidiano das crianças, enquanto que as técnicas, apesar da visão confiante e da permissividade para o uso dos elementos naturais, as mesmas reconhecem e destacam os seus riscos. Deste modo, é possível verificar, através das respostas dadas, que ambos os grupos se encontram num processo de reflexão e aprendizagem contínua procurando proporcionar um ambiente mais enriquecedor e seguro para as crianças.

## Capítulo 4 – Considerações Finais

As entrevistas realizadas neste estudo revelaram-se como uma componente essencial para compreender as perspectivas das famílias e das profissionais envolvidas na educação destas crianças, que frequentam aquela escola na floresta. Ao analisar as respostas e as perspectivas compartilhadas durante as entrevistas, foi possível obter uma visão mais abrangente e qualitativa das percepções, valores e crenças relacionados com o ambiente externo como espaço educativo.

Através das entrevistas, foi possível compreender as experiências e as percepções individuais de cada entrevistado. As famílias (A, B e C) partilharam as suas razões pessoais para escolher a escola da floresta, assim como, destacaram as suas preocupações, desejos e necessidades específicas. Por sua vez, as profissionais indicaram as suas percepções sobre a importância do espaço exterior para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, com base nas suas experiências práticas no contexto exterior.

As entrevistas permitiram, também, identificar pontos de concordância entre as famílias e as técnicas, apesar das suas perspectivas distintas. A ênfase dada à liberdade, à autonomia e à valorização da exploração ao ar livre emergiu de ambas as partes, revelando um conhecimento compartilhado sobre a importância do espaço exterior como um recurso educacional. Além disso, as percepções evolutivas demonstradas pelas famílias ao longo das entrevistas, refletem uma mudança gradual de perspectiva, à medida que as experiências concretas com a escola da floresta alteraram as suas crenças iniciais.

Deste modo, as entrevistas realizadas proporcionaram uma maior profundidade de compreensão que completou e enriqueceu os dados obtidos por meio da observação direta. As entrevistas deram voz às experiências, sentimentos e reflexões dos participantes, fornecendo a sua visão sobre como o espaço exterior é percebido, valorizado e utilizado no contexto educacional.

## Capítulo 5 – Reflexões finais

O presente estudo pretendeu adquirir uma compreensão das percepções e receios das famílias e adultos quanto aos riscos associados ao contexto *outdoor*. Nesse sentido, procurou-se identificar e analisar junto dos mesmos, os conhecimentos prévios em relação a este tipo de contexto, bem como, compreender os possíveis receios e as estratégias utilizadas pelo adulto em situações consideradas de risco.

Desta forma, o estudo pretendeu dar respostas às seguintes questões:

- Identificar os conhecimentos dos adultos e famílias acerca dos riscos no exterior;
- Identificar os receios sentidos pelos adultos e famílias no exterior;
- Compreender as perspetivas dos adultos e familiares face ao contacto das crianças com o risco no exterior.

Relativamente à primeira questão de pesquisa podemos dizer que, tanto as técnicas quanto as famílias compartilharam as suas perspetivas sobre os riscos associados ao ambiente exterior. As respostas das famílias e das técnicas indicaram uma compreensão dos tipos de riscos presentes no espaço, incluindo a preocupação com a estrada, com a água (no caso do contacto com o mar ou a piscina), com animais externos e situações que comprometessem a integridade física. As respostas das famílias sugerem que elas têm consciência dos riscos envolvidos em atividades como brincar com paus e pedras, subir árvores e o afastamento do grupo. Por sua vez, as técnicas também destacaram a importância de permitir que as crianças experimentem riscos controlados de forma a promover o seu desenvolvimento. Portanto, na primeira questão colocada a ambos os grupos, a mesma foi abordada de forma significativa, com uma compreensão compartilhada dos riscos existentes.

Na segunda questão colocada, observámos através das respostas das famílias e das técnicas que há preocupações comuns em relação aos riscos no ambiente exterior, particularmente em relação à estrada, assim como, alguns receios demonstrados com atividades que envolvam água e, ainda, a presença de estranhos na floresta. Ambos os grupos expressaram receios sobre a segurança física das crianças durante as suas atividades. Portanto, esta segunda questão foi respondida, demonstrando que há um

reconhecimento compartilhado das preocupações e receios enfrentados quando se trata da segurança das crianças ao ar livre.

Na última questão de pesquisa, as respostas das famílias e das técnicas permitiram compreender as diferentes perspectivas em relação ao contato das crianças com os riscos no ambiente exterior. As técnicas enfatizaram os benefícios educacionais da exposição ao risco controlado e como isso pode ser uma oportunidade para as crianças desenvolverem habilidades de avaliação e confiança. As famílias, por outro lado, mostraram uma evolução nas suas perspectivas, passando de preocupações iniciais para uma aceitação gradual da importância de permitir que as crianças lidem com os riscos de forma controlada. Deste modo, a terceira questão foi abordada, também, com uma compreensão das diferentes perspectivas sobre o contato das crianças com o risco.

No entanto, os resultados deste trabalho, evidenciaram a necessidade de averiguar futuramente, como proposta de melhoria: uma análise mais aprofundada dos aspectos ligados às preocupações emocionais e à gestão dos riscos. Embora as respostas obtidas abordem as três questões principais, é possível perceber que a análise não detalhou completamente como as famílias lidam emocionalmente com esses riscos e como essas emoções podem influenciar as suas decisões. Por outras palavras, o estudo abordou as preocupações e receios gerais, como a segurança física das crianças em relação à estrada ou o contacto com água, no entanto, teria sido benéfico compreender em detalhe como essas preocupações impactam nas emoções dos pais ou como os mesmos gerenciam as emoções ao permitir que os seus filhos participem em atividades que envolvam riscos. A análise não explorou se os pais sentem ansiedade, medo ou confiança ao deixar os seus filhos se envolverem em situações que possam ser consideradas arriscadas. Além disso, também não examinou como essas emoções podem influenciar as decisões dos pais. Por outro lado, embora as respostas indicassem a compreensão geral dos riscos, não foram abordadas questões de como as famílias e as técnicas planejam e implementam estratégias específicas para minimizar os riscos identificados. Assim, uma análise mais aprofundada dos aspectos ligados às preocupações emocionais e à gestão dos riscos teria enriquecido a compreensão do quadro como um todo.

## Referências bibliográficas

- Aires, L. (2011). *Paradigama Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional*. Universidade Aberta.
- Bento, G. (2015). Infância e espaços exteriores – perspetivas sociais e educativas na atualidade. *Investigar em Educação*, 2(4), pp. 127-140.
- Bento, G. (2017). Arriscar ao brincar: análise das perceções de risco em relação ao brincar num grupo de educadoras de infância. *Revista Brasileira de Educação*, 22(69), 385–403. <https://doi.org/10.1590/s1413-24782017226920>
- Bento, G. (2019). (Tese de doutoramento). *Espaços exteriores e organização pedagógica em educação de infância - Políticas, projetos e práticas*. Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal.
- Bento, G., & Portugal, G. (2016). Valorizando o espaço exterior e inovando práticas pedagógicas em educação de infância. *Revista Ibero-americana de Educação*, 72, 85-104.
- Bilton, H., Bento, G., & Dias, G. (2017). *Brincar ao ar livre*. Porto: Porto Editora.
- Bogdan, R., & Biklen (2007). *Qualitative research for education: An Introduction to theories and methods* (5th ed.). Boston: Pearson.
- Brock, A., Dodds, S., Jarvis, P., & Olusoga, Y. (2011). *Brincar - Aprendizagem para a Vida*. Penso.
- CNE - Conselho Nacional de Educação. Recomendação n. 5/2011. Educação para o risco. *Diário da República*, n. 202, 20 out. 2011. Ministério da Educação e Ciência, Portugal. (Relatores: Arsélio Carvalho; Rosália Vargas).
- Coelho, A., & Vale, V. (2017). Reflexões em Torno do Brincar em Contextos de Educação de Infância. *Revista Observatório*, Vol.3(6), pp. 316-337.
- Directorate for Education and Training. (2017). *Framework Plan for kindergartens - Content and tasks*. Norwegian: Nynorsk and Sami.
- Ferland, F. (2006). *Vamos brincar? – Na Infância e ao longo de toda a vida*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Great Britain. Dept. Of Education And Skills. (2006). *Learning outside the classroom manifesto*. Annesley, Nottingham, Uk Dept. For Education And Skills

- Goldstein, J. (2012). Play in children's development, health and well-being. *Toy Industries of Europe*.
- Kishimoto, T. M. (2010). Brinquedos e brincadeiras na educação infantil. *Anais do I Seminário Nacional: Currículo em movimento – Perspectivas Atuais*, pp. 1-20.
- Lahey, J. (20 de jun de 2014). Why Free Play is the Best Summer School. *The Atlantic*.
- Learning and Teaching Scotland. (2010). *Curriculum for Excellence Through Outdoor Learning*. Glasgow: Learning and Teaching Scotland.
- Lino, D., Hortas, M. J., Nunes, C., Rocha, C., Vieira, N., Sá, K., & Fuertes, M. (2020). PlayTrain - O brincar e o jogo na formação e prática dos educadores de infância. *Conferência Internacional de Recerca en Educació*.
- Luz, M. C., Oliveira, M. C., & Souza, G. M. (2011). Brincar é muito mais que uma simples brincadeira: É aprender. *Congresso Nacional de Educação -EDUCERE*, (pp. 13476-13484). Curitiba.
- Moyles, J. (2010). *Fundamentos da Educação Infantil: Enfrentando o Desafio*. Porto Alegre: Artmed.
- Neto, C. (2017). Brincar e ser ativo na infância. *Diversidades - Educação e Aprendizagem*, 9-17.
- Neto, C. (2020). *Libertem as crianças - A urgência de brincar e ser ativo*. Contraponto Editores.
- Neto, C., & Lopes, F. (2017). *Brincar em Cascais*. Cascais: CERCICA, CRL.
- Niehues, A. N., Bundy, A., Broom, A., & Tranter, P. (2013). Parents' Perceptions of Risk and the Influence on Children's Everyday Activities. *Journal of Child and Family Studies*, 24(3), 809–820. <https://doi.org/10.1007/s10826-013-9891-2>
- Oliveira-Formosinho, J., & Araújo, S. B. (2013). *Educação em Creche: Participação e Diversidade*. Porto: Porto Editora.

- Pinto, I. F., Campos, C. J. G., & Siqueira, C. (2018). Investigação qualitativa: Perspetiva geral e importância para as Ciências da Nutrição. *Acta Portuguesa de Nutrição*, 14, 30–34. <https://doi.org/10.21011/apn.2017.1406>
- Sarmiento, T., Ferreira, F. I., & Madeira, R. (. (2017). *Brincar e Aprender na Infância*. Porto: Porto Editora.
- Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. *Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação*.
- Skip (Realizador). (2016). *Os pais e o medo de deixar arriscar | Professor Carlos Neto* [Filme].
- Vale, M. J. (Jan/abr de 2013). Brincadeira sem teto. *Cadernos de Educação de Infância*(98), pp. 11-13.

## Apêndice I – Guião das entrevistas

### Objetivos:

1. Compreender a perspetiva das famílias e dos adultos perante os riscos inerentes à brincadeira ao ar livre na natureza.

Bloco	Objetivo	Questões ao/(à) educador/(a)	Bloco	Objetivo	Questões às famílias	Observações
<b>BLOCO A</b> Legitimação da Entrevista	- Elucidar os entrevistados acerca do estudo em que se enquadra a entrevista: <b>a mesma pretende conhecer e compreender a perceção das famílias e dos adultos face aos riscos existentes</b>	Esta entrevista irá ajudar-me a elaborar o meu trabalho final de mestrado em educação pré-escolar. O trabalho pretende compreender a visão dos adultos sobre o Risco. Pretende-se com a entrevista compreender a visão dos adultos face aos riscos existentes na natureza durante as brincadeiras das crianças.	<b>BLOCO A</b> Legitimação da Entrevista	- Elucidar os entrevistados acerca do estudo em que se enquadra a entrevista; - Obter concordância das técnicas para participação no estudo; - Garantir confidencialidade da informação	Esta entrevista irá ajudar-me a elaborar o meu trabalho final de mestrado em educação pré-escolar. O trabalho tem por tema compreender a visão dos adultos sobre o risco. Pretende-se com a mesma, conhecer e compreender a	Referir que a escola não será identificada, nem os nomes dos participantes e das crianças.

	<p><b>ao brincarem na natureza.</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Obter concordância das técnicas para participação no estudo;</li> <li>- Garantir confidencialidade da informação prestada, no âmbito do trabalho a desenvolver;</li> <li>- Obter permissão para registo áudio da entrevista.</li> </ul>	<p>Para facilitar o trabalho e otimizar a entrevista, gostaria de a gravar. O seu depoimento é anónimo e os dados destinam-se apenas à elaboração do trabalho.</p>		<p>prestada, no âmbito do trabalho a desenvolver;</p> <p>Obter permissão para registo áudio da entrevista.</p>	<p>perceção das famílias e dos adultos face aos riscos existentes ao brincarem na natureza.</p> <p>Para facilitar o trabalho e otimizar a entrevista, gostaria de a gravar. O seu depoimento é anónimo e os dados destinam-se apenas à elaboração do trabalho.</p>	
<p><b>BLOCO B</b> Dados de caracterização do/a entrevistado/a</p>	<p>- Reunir informação sobre</p>	<p>1. Vou começar por lhe perguntar qual a sua idade?</p>	<p><b>BLOCO B</b></p>	<p>- Reunir informação sobre</p>	<p>1. Vou começar por lhe perguntar qual a sua idade?</p>	

	<p>a formação inicial e contínua e do entrevistado;</p> <p>- Reunir elementos sobre o percurso profissional</p>	<p>2. Qual a sua formação profissional?</p> <p>3. Sucintamente, o que a levou a escolher este local para trabalhar?</p>	<p>Dados de caracterização do entrevistado</p>	<p>a formação inicial e contínua do entrevistado;</p> <p>- Reunir elementos sobre a sua formação</p> <p>- Compreender as escolhas que motivaram as famílias a escolher uma escola no exterior</p>	<p>2. Qual a sua formação</p>	
			<p><b>BLOCO C</b> Conceções sobre as escolhas escolares</p>	<p>- Obter informações sobre as conceções das famílias acerca</p>	<p>3. O que o levou procurar uma <i>Forest</i></p>	

			referentes ao educando	das escolhas escolares dos seus educandos	<i>School</i> e, escolher esta escola em particular?	
<b>BLOCO D</b> Concepções sobre o risco	- Obter informações sobre as concepções das técnicas sobre o conceito de risco.  - Entender, através da percepção das técnicas a relação	4. Na sua ótica, identifica-se com o modelo de "Forest School" e quais considera ser as principais vantagens para as aprendizagens das crianças? 5. o que considera ser o uma situação de risco? 6. Que relação estabelece entre risco e segurança?	<b>BLOCO D</b> Concepções sobre o risco	- Obter informações sobre as concepções das famílias sobre o conceito de risco.  Entender, através das famílias os possíveis receios referentes a situações de risco	4. Na sua ótica, o que considera ser uma situação de risco? Consegue dar-me alguns exemplos?  5. No seu entender, considera importante expor o seu educando a este tipo de risco? Porquê?	

	<p>entre a segurança e o risco</p> <p>- Compreender as capacidades das crianças para avaliar e lidar com o risco, através da percepção das técnicas</p>	<p>7. Observando à sua volta, consegue identificar qual a situação que causará mais risco para a criança?</p> <p>8. Como vê, na sua opinião, o contacto da criança com o risco?</p> <p>9. - No dia-a-dia incentiva as crianças a enfrentarem situações de risco?</p>		<p>- Compreender as capacidades das crianças para avaliar e lidar com o risco, através da percepção das famílias</p>	<p>6. Na sua opinião, considera que as crianças têm capacidade para avaliar e identificar o risco nas situações decorrentes do quotidiano? Se sim, porquê?</p>	
--	---	--	--	--	--	--

		<p>10. - Na sua opinião, considera que as crianças, que frequentam este espaço escolar têm capacidade para avaliar e identificar o risco nas situações decorrentes do quotidiano? Se sim, porquê?</p>				
<p><b>BLOCO E</b> Papel do adulto em situações de risco</p>	<p>- Compreender a postura do adulto, durante a supervisão das crianças face às situações de risco</p>	<p>11. Qual a postura que adota quando supervisiona/observa as crianças em situações de risco?</p>				

		12. - Antes de intervir, espera para ver se a criança consegue lidar com os riscos sozinha? Porquê? (pergunta extra, de apoio)				
<b>BLOCO F</b> Agradecimentos	Finalizar a entrevista e agradecer e valorizar a colaboração do entrevistado	Chegámos ao final da entrevista. Gostaria muito de agradecer a sua disponibilidade e colaboração. Com toda a certeza a sua colaboração irá ter um enorme valor no sucesso deste trabalho.	<b>BLOCO F</b> Agradecimentos	Finalizar a entrevista e agradecer e valorizar a colaboração do entrevistado	Chegámos ao final da entrevista. Gostaria muito de agradecer a sua disponibilidade e colaboração. Com toda a certeza a sua colaboração irá ter um enorme valor no sucesso deste trabalho.	

## **Apêndice II – Transcrição das entrevistas**

### **Técnica A**

1. Vou começar por lhe perguntar qual a sua idade?

TA: A idade, a minha idade, 43 anos.

2. Qual a sua formação profissional?

TA: A minha formação profissional é na área das medicinas alternativas. Tenho várias pequenas formações e uma maior em medicina tradicional chinesa, mas sempre tudo à volta das medicinas alternativas e depois mais recentemente o yoga para crianças e, claro também a formação de forest school.

3. Sucintamente, o que a levou a escolher este local para trabalhar?

TA: Primeiro, ter percebido pelos meus filhos e claro, depois pelas outras crianças, a atracão irresistível que eles nutrem pela natureza e não só a atracão, mas também o efeito que a natureza exerce neles. Depois, em segundo, o descontentamento com o que observo o estado das escolas e da educação prestada nas mesmas. Na pandemia, começamos a vir para a natureza, com os nossos filhos, e demos conta que nem nós mesmas (técnica A e B) conhecíamos assim tão bem a localidade onde vivíamos. Foi nessa altura que começou a surgir o desejo de criar uma escola que permitisse trazer as crianças para junto da natureza, uma escola que desse às crianças a liberdade para explorar, para experimentar e para arriscar.

4. Na sua ótica, identifica-se com o modelo de “Forest School” e quais considera ser as principais vantagens para as aprendizagens das crianças?

TA: Identifico-me cada vez mais, e as principais vantagens é talvez o facto de deixarmos que sejam eles a escolher o caminho para a sua aprendizagem. Eles escolhem o que querem aprender, como querem aprender, escolhem e percebem quais é que são os seus interesses. Eu acredito que é a partir daí que tudo se processa, quando eles têm essa liberdade de escolha, tem oportunidade de experimentar o mundo que as rodeia e a oportunidade de arriscar. Na verdade, é isso, é experimentarem muito e isso é maravilhoso, pelo menos eu acho, e acho que todos nesta idade, assim mais pequeninos, deviam todos aprender assim.

5. O que considera ser uma situação de risco?

TA: Uma situação de risco... Isso aí já é uma pergunta com rasteira. É que nós pensamos logo no risco físico, não é? Quando está iminente que eles possam magoar-se fisicamente, mas pode não ser só fisicamente, também há situações de risco quando nós percebemos que eles estão prestes a entrar ali numa disputa, numa briga mais emocional, que por vezes acabam em disputas mais físicas . Por vezes, nas nossas observações nós vemos quando a criança se está a colocar numa situação de risco físico e, também, conseguimos observar quando a criança se está a colocar numa situação de risco emocional, que pode ou não precisar do nosso apoio, isso aí já é outra coisa, não é (risos). Mas, olhando só para o risco físico, para mim uma situação de risco é uma situação onde há a probabilidade de a criança se magoar, e alias, considero cada vez mais importante falar sobre isso com as famílias que nos visitam, é que o risco é isso mesmo, uma probabilidade, uma incerteza, que pode ou não ocorrer. Quando as crianças são expostas a situações de perigo, torna-se num risco para as mesmas, mas que não necessita de ser algo mau, aliás, sem exposição das crianças a esses perigos, não haveria riscos.

6. Que relação estabelece entre risco e segurança?

TA: Eu acho que as crianças precisam de viver o risco, de experimentar o risco para saber estar em segurança, acho que é essencial. Portanto o risco é um caminho de aprendizagem como outro qualquer e, portanto, acho que quanto mais riscos eles correm mais eles aprendem a colocar-se em segurança e a estar seguros. Como te disse, os riscos são probabilidades, incertezas, que não tem de estar necessariamente associados a algo mau, é por isso que acho tão importante estarmos sempre a observar e avaliar as diferentes situações. Acredito que é possível expor as crianças a diferentes tipos de riscos, sem colocar em causa a segurança das crianças.

7. Observando à sua volta, consegue identificar qual a situação que causará mais risco para a criança?

TA: Sim, pensando sempre um pouco mais nos riscos físicos primeiro, porque os outros riscos, os emocionais, são um pouco mais instáveis e não os conseguimos prever ou controlar tão bem. Assim, claro que sim, aqui no espaço da floresta, são as pedras principalmente, as alturas, quando eles gostam de subir às árvores, os paus e, claro, a estrada, que está relativamente perto. Na verdade, considero isto perigos, aos quais estão expostos diariamente aqui na natureza e que podem causar algumas situações de risco, como: atirar pedras e algum partir a cabeça, subir à árvore e cair, brincar com os paus e espetar ou magoar algum amiguinho. Bem, claro que há situações de risco, mas diria que a que poderá causar maior risco para a segurança física da criança, seria correr para a estrada. Mas é como te disse, acredito que conseguimos expor as crianças a determinados riscos, sem estarmos a colocar em causa a sua segurança. Aliás, acho mesmo que as crianças precisam é de correr alguns riscos para que se saibam colocar em segurança.

8. Como vê, na sua opinião, o contacto da criança com o risco?

TA: Eu acho que é bom, até certo ponto acho que devemos saber gerir, lá está, o que é que é risco e o que é que é perigo. Os perigos existem sempre, é importante é minimizar os riscos que possam afetar a segurança física das crianças. Lá está, os riscos são probabilidades de os perigos acontecerem, temos de estar atentas, claro, mas acima de tudo é isso, é deixá-los experimentar. Sem dúvida, isso é importante acontecer e como te disse, acredito que, quanto mais as crianças são expostas aos riscos, maior será a capacidade de se colocarem em segurança, acho eu.

9. No dia-a-dia incentiva as crianças a enfrentarem situações de risco?

TA: Sempre. Claro que quando os vemos a atirar pedras, a subir muito alto nas árvores, ou a descer para perto da estrada, temos algum receio que se magoem, mas acho que isso é algo que nós temos de trabalhar em nós mesmos e trabalhar também com eles. Claro que por vezes ainda damos por nós a avisá-los dos perigos, e sai-nos um “tem cuidado” (risos), até porque se vemos que um deles está praticamente no passeio, ou sei lá, a atirar a pedra para junto de um amigo, por vezes temos de interferir e falar com eles para que percebam que podem magoar-se a si mesmos ou a outros. Não é fácil (risos). Estamos sempre a aprender e a tentar que sejam eles mesmos a fazer as coisas, e vamos aprendendo também que por vezes é mais importante fazer perguntas a eles para saber se estão concentrados, se sentem seguros, do que simplesmente pedir-lhes para que tenham cuidado. Mas, como te disse, isto também é um trabalho que temos de fazer nós próprios.

10. Na sua opinião, considera que as crianças, que frequentam este espaço escolar têm capacidade para avaliar e identificar o risco nas situações decorrentes do quotidiano? Se sim, porquê?

TA: Sim, porque as crianças que crescem com esta liberdade, lá está, de experimentar riscos e de experimentar o corpo em liberdade, aprendem não só a conhecer os seus limites, mas também a conhecer melhor o seu corpo. Sabem e conhecem melhor as questões do equilíbrio, sabem como devem cair, como devem colocar o corpo para não se magoarem tanto, e isso é perfeitamente visível neles.

11. Qual a postura que adota quando supervisiona/observa as crianças em situações de risco?

TA: Tento limitar-me a observar, às vezes, se acho que devo falar ou dar uma dica, “olha, segura mais ali”, “olha, cuidado com isto ou concentra-te ao fazeres aquilo”, intervenho verbalmente e só se vir que há mesmo necessidade, que a criança já está em perigo ou se já está a ultrapassar um pouco as suas barreiras físicas e, aí eu tenho de intervir fisicamente e ir lá ajudar, pronto. Mas, só mesmo em último.

## **Técnica B**

1. Vou começar por lhe perguntar qual a sua idade?

TB: Tenho 48 anos.

2. Qual a sua formação profissional?

TB: Eu sou licenciada em marketing e publicidade, tenho formação, curso profissional de atriz no CENDREV, além de milhares de workshops em várias áreas, desde a representação, ao autoconhecimento, educação, portanto todos os temas que me vão interessando e que eu decido aprofundar um bocadinho.

3. Sucintamente, o que a levou a escolher este local para trabalhar?

TB: Sucintamente, foi o local que me escolheu a mim, ou seja, o local apelou-me quando fiz o curso da escola da floresta, senti que era uma missão levar as crianças para a natureza e dar outro tipo de ensino e de apoio e é então foi um bocado por aí que decidi estar neste projeto.

4. Na sua ótica, identifica-se com o modelo de “Forest School” e quais considera ser as principais vantagens para as aprendizagens das crianças?

TB: Eu acho que a primeira e principal vantagem é a conexão à natureza. Ou seja, todos somos da natureza, fazemos parte da natureza e quanto mais estamos em contato com este ambiente primordial mais facilmente estamos em contato com o nosso eu. E, logo aí, eu acredito que temos o potencial de aprendizagem muito, muito superior do que em estar dentro de uma sala de aula onde nos estão a debitar conhecimento. Aqui vem tudo de um sítio mais natural, mais orgânico, mais holístico e é por isso que eu considero uma vantagem aprender na natureza, apesar de também ser um desafio, claro.

##### 5. O que considera ser uma situação de risco?

TB: Para mim, uma situação de risco é algo que ainda tenho alguma dificuldade em gerir. Por vezes, mesmo com os paus e as pedras, apesar de serem elementos naturais, como fui educada com o “cuidado, cuidado”, ainda é uma das coisas que dentro de mim estou a trabalhar para poder considerar natural. Considero uma situação de risco (os paus e pedras), porque nestas idades, onde eles ainda são muito autocentrados e muito imediatos na resposta, ter uma pedra ou um pau na mão para mim ainda pode ser (considerado) um risco de magoar seriamente o amigo. Outra situação de risco, pronto, o meio natural também poderá ser, como é um espaço que está mais aberto pode haver alguns perigos externos, algum animal, alguma pessoa mal-intencionada, pronto, também poderá ser. Felizmente não temos tido nada disso, para isso é que serve a proteção (risos), nós temos de acreditar e pensar positivo, também. Acho que pronto, se calhar isto não é assim muito concreto, mas é mas é um bocadinho o que eu sinto.

##### 6. Que relação estabelece entre risco e segurança?

TB: É difícil, por exemplo, mesmo com os mais velhos, eles no outro dia queriam andar sozinhos na floresta e, uma das pessoas era o meu filho. Eu ainda tenho muita dificuldade em deixá-lo ainda andar sozinho na floresta, a Rita propôs-me esse risco e eu aceitei, mas teve de ser dentro de regras controladas porque pronto, ainda fico apreensiva que algumas situações externas possam acontecer e que eles possam não saber gerir. Para mim, dentro do risco tem de haver sempre algumas regras que permitam que o risco seja mais controlado. Pronto, tal como as pedras, ou seja, existe sempre um risco, tudo bem, mas se nós controlarmos e estabelecermos algumas regras como, “pedras sempre longe dos amigos”, estamos a controlar de certa forma aquele fator de risco. Ou seja, quando há um fator de risco devemos sempre pensar numa forma de eles poderem manuseá-lo e vivenciá-lo sem se porem em risco a eles, nem a entre a integridade física dos outros. E é isso que eu sinto, que é aí que está o equilíbrio, é tentar ir vendo onde é que podemos pôr as “barreiras seguras”, as regras para que eles possam vivenciar diferentes experiências. É esse tipo de

risco controlado, onde eles sentem autonomia, mas ao mesmo tempo sabemos que não se estão a colocar em perigo, para mim o essencial é haver esse equilíbrio. E, também, a questão da minha educação, que fui sempre educada com o “ai, ai, cuidado”, por isso, ainda há sempre qualquer coisa dentro de mim que desperta em situações mais arriscadas, pois cresci nesse ambiente de medo ao arriscar.

7. Observando à sua volta, consegue identificar qual a situação que causará mais risco para a criança?

TB: Queres que eu fale especificamente aqui da nossa escola?

E: Sim, aqui.

TB: Pronto, é a questão da estrada, não é (risos). É a situação que causará mais risco porque se alguém tiver a ideia de ir para a estrada, que nunca aconteceu, mas é sempre uma situação... quer dizer já aconteceu, uma vez, única vez e na verdade já nem foi connosco, já foi com os pais no caminho para o carro. Mas, é o único fator, se uma criança decidir ir até ao limite e nós não conseguirmos estar a controlar por algum motivo, é um risco maior. Por isso, é que para mim, é fundamental quando eles vão até a um determinado sítio da floresta estar lá para conter esse risco, não quero que aconteça eles irem para a estrada porque realmente é um perigo. E, é o que eu vejo maior, é na verdade um fator externo à floresta, que nós não controlamos, as pessoas deviam circular mais devagar e não o fazem, é de facto a única coisa que nós não podemos controlar como floresta, acaba por ser como um fator quase externo a nós. Sei que é importante eles correm alguns riscos, mas para mim também é importante estar lá e observar, caso seja necessário intervir.

8. Como vê, na sua opinião, o contacto da criança com o risco?

TB: Eu acho que varia de criança para criança, há aqueles que tem mais a noção do risco e outros que são muito aventureiros e, que constantemente querem expandir os limites do medo, por isso, acho que cada criança vive isso de uma forma diferente. A maioria tem noção dos riscos, mas há um ou outro que não tem. São completamente destemidos e são esses que por vezes temos de ter mais atenção, por vezes são esses que temos de conter de forma a garantir que não se ponham em perigo. Mas acho que varia de criança para criança, cada um tem os seus próprios mecanismos e temos de ir conhecendo para avaliar. Como no outro dia, com os mais pequenos, vimos logo o que expandia mais, para estarmos mais atentas a essa criança. O que expandia mais, já estava lá ao fundo e com ele vamos ter de estar com uma atenção acrescida, enquanto os outros andavam aqui todos “controlados” à volta, ou seja, tinham mais noção do espaço, até onde podem ir e também mais noção do risco. Quando estamos a trabalhar em grupo temos de tentar perceber um pouco cada um e perceber como é que nós podemos ajudar nessa gestão (do risco).

9. No dia-a-dia incentiva as crianças a enfrentarem situações de risco?

TB: Não é a minha maior característica, devo dizer, já temos aqui outras pessoas com essas características. Tenho aprendido a deixá-los experienciar isso e, a estar mais disponível para fazê-lo, mas confesso que não sou de as incentivar a enfrentar situações de risco.

10. Na sua opinião, considera que as crianças que frequentam este espaço escolar têm capacidade para avaliar e identificar o risco nas situações decorrentes do quotidiano? Se sim, porquê?

TB: Eu considero que sim. Agora, acho que também são um bocadinho menos regrados, ou seja, as outras crianças estão habituadas mais a uma "filosofia" de contenção quando estão perante os riscos. E as outras crianças também estão mais habituadas a vivenciar as situações como um

grupo, enquanto estas (crianças da floresta) vivenciam de uma forma mais individual, não tem tanta noção do risco em grupo, não sei se me estou a fazer ver. Ou seja, nós quando temos aqui uma visita de uma escola, vem todos juntos, nota-se que as regras são iguais sempre para todos e que eles vivenciam todos de certa forma o risco consoante o olhar do adulto, ou seja, eles vivenciam o risco de acordo com a avaliação que o adulto fez sobre o risco. Aqui, acho que há uma maior ligação entre o olhar do adulto (sobre os riscos) e o que eles realmente avaliam, ou seja, eles aqui experienciam e não estão sempre à espera de um guia que venha de fora e lhes diga como fazer e os cuidados a ter. Eles já conseguem eles mesmos avaliar os riscos, não é tudo pelo adulto. Quando vem as outras escolas, eu tenho sempre a sensação de que há muita interferência do adulto na avaliação do risco, por isso, sim, acredito que as crianças que temos aqui tem grande capacidade para avaliar o risco.

11. Qual a postura que adota quando supervisiona/observa as crianças em situações de risco?

TB: Varia, se eu sentir que a situação está a ser positiva, tudo bem. Nós aqui tentamos sempre estar a observar apenas, mas quando vemos que há uma situação que põe em risco a integridade física de algum, ou se eu sentir que há algum risco que poderá vir daquela situação tento pelo menos dar-lhes (às crianças) a conhecer a minha opinião, mas claro, tentamos sempre que eles vivam de uma forma mais autónoma, mas se eu achar que tenho de intervir ou avisar de alguma situação tento sempre estar em sintonia com aquilo que está a acontecer, prever o risco e evitar situações mais desagradáveis que, felizmente, acho que temos conseguido. Tenho estado a aprender a observar se a criança consegue lidar com a situação por si mesma. No início talvez não fizesse tanto, mas agora cada vez mais vou tentando observar. Digamos que uma ansiedade dentro de mim às vezes toma partido e às vezes posso antecipar-me, mas como é um trabalho que eu tenho de fazer devido aquela questão educacional que eu falei que está um bocado enraizada dentro de mim tem sido um processo. Sei que é isso que tenho de fazer e vou cada vez mais fazê-lo.

## Questões às famílias - Familiar A

1. Vou começar por lhe perguntar qual a sua idade?

FA: 39

2. Qual a sua formação?

FA: A nível profissional estudei música, também já estudei neurociência, mas neste momento dou aulas no conservatório de música.

3. O que o levou procurar uma *Forest School* e, escolher esta escola em particular?

FA: Na verdade, tentamos uma escola mais tradicional e a experiência, tanto para ela, como para nós, não foi uma experiência positiva. Não estávamos alinhados com a escola e começamos à procura de outras escolas alternativas. Sempre achamos que este tipo de escola era perfeito para a E, até que encontramos a vossa e decidimos vir visitar-vos. Encontramos nesta escola, a liberdade que a E. gosta, o carinho e a disponibilidade que nos achamos fundamentais.

4. Na sua ótica, o que considera ser uma situação de risco? Consegue dar-me alguns exemplos?

FA: Para nós a questão da estrada, sem dúvida. Quando viemos visitar pela primeira vez foi algo que nos deixou um pouco mais desconfortáveis, até porque a E. gostava muito de correr para a estrada, mesmo em passeios connosco. Claro que aqui também há outros, como subir às árvores, as pedras, os paus, mas que já fazem parte da rotina dela e dos amiguinhos, por isso, já não vemos como algo que seja uma situação de risco. Ou melhor, sei que poderão ser situações de risco, mas considero que sejam importantes para a formação da E. Continuo a achar que a estrada talvez seja uma situação de risco maior, ou por exemplo, irem para longe de vocês, passar algum estranho aqui na floresta. Mas, sabes também sinto que,

tal como os outros riscos que falei, a estrada também é cada vez mais encarada por mim e pela M. (mãe da E.) como algo natural, que faz parte do cotidiano da E. e, observamos como ela já fica aqui, a brincar, sem sequer se aproximar da estrada.

5. No seu entender, considera importante expor o seu educando a este tipo de risco? Porquê?

FA: Sim, ao início nós tínhamos este receio com a estrada e agora observamos como a E. gosta de estar aqui, não se aproxima sequer das árvores perto do passeio. Como ela, e todos os outros, na verdade, conseguem brincar com os paus, com as pedras, sem se magoarem. Claro que vão tendo momentos, acho que faz parte da idade e eles ainda estão a aprender e, também acredito que isso esteja relacionado com o trabalho que fazem aqui com eles. Apesar de observarmos a liberdade que lhes dão, que é bastante importante, também conseguem passar os limites necessários para a segurança deles. Acho que expor a E. permite-lhe cada vez mais ir aprendendo a lidar com todas as situações do dia-a-dia sabes, e ir aprendendo a avaliar também os perigos existentes.

6. Na sua opinião, considera que as crianças têm capacidade para avaliar e identificar o risco nas situações decorrentes do quotidiano? Se sim, porquê?

FA: Ao início não achava totalmente (risos), mas agora observo, nos poucos momentos em que estou aqui, como eles na verdade tem essa capacidade. Ou melhor, como já vão conseguindo identificar situações onde se possam magoar. Como disse, o vosso papel é importante para os irem ajudando, mas acho que é através da liberdade que têm e que são expostos aqui diariamente que eles vão aprendendo a lidar com as situações. E, como disse, consigo observar isso na E., não só aqui, mas no que ela leva daqui para casa e para o dia-a-dia fora daqui.

## Questões às famílias - Familiar B

1. Vou começar por lhe perguntar qual a sua idade?

FB: 32

2. Qual a sua formação?

FB: Licenciatura em enfermagem.

3. O que o levou procurar uma *Forest School* e, escolher esta escola em particular?

FB: Escolher esta em específico foi a proximidade de casa pela vantagem de ser mesmo aqui perto. E, escolher a forest school, bem ainda tentámos uma escola uma escola tradicional, mas o D. não se encaixou na escola tradicional e então resolvemos procurar algo mais alternativo e tivemos a sorte de encontrar esta escola.

4. Na sua ótica, o que considera ser uma situação de risco? Consegue dar-me alguns exemplos?

FB: Passar uma estrada e vir lá um carro, por exemplo, estar no meio de uma multidão perdido, entrar no mar para uma zona sem pé e poder-se afogar, por exemplo, situações que ponham em risco a vida vá.

5. No seu entender, considera importante expor o seu educando a este tipo de risco? Porquê?

FB: A este tipo de risco aqui na floresta? Bem, eu não acho que haja aqui propriamente um grande risco aqui na floresta (risos). Bem, há o subir às árvores, as pedras e assim, mas acho que eles aprendem a desenrascarem-se e aprender a ver o que é que é realmente coisas mais arriscadas vá, acho que eles ficam muito mais à vontade em todo o tipo de contextos estando num contexto como este, mais livre digamos assim. A mim não me parece que seja um contexto arriscado estar aqui, claro que existe como disse as alturas, as pedras, mas acho que eles aprendem a gerir isso, e também estão cá vocês (risos) para irem ajudando a mediar.

6. Na sua opinião, considera que as crianças têm capacidade para avaliar e identificar o risco nas situações decorrentes do quotidiano? Se sim, porquê?

FB: Acho que depende muito da idade, este pequenino de oito meses (aponta para o filho que também esta presente com mão pedra na boca), não tem, obviamente, capacidade de perceber o que é uma coisa arriscada. Acho que o D. já tem alguma capacidade para perceber o que é que é uma coisa que ele consegue fazer ou não, o que é que é uma coisa que potencialmente pode magoar-lhe e até colocar a vida em risco. Por exemplo, atravessar a estrada, há sítios em que ele já sabe como é que tem de olhar e como é que tem de esperar e há outros que não, que ainda não percebe tão bem o perigo, mas acho que no geral ele já vai começando a perceber as situações de perigo e já vai percebendo o que tem de fazer para se proteger delas. Por isso, sim, até acho que eles têm capacidade para avaliar os riscos e, claro, também acho que esta liberdade e oportunidade que é oferecida aqui permite, ou ajuda vá, nisso.

### **Questões às famílias - Familiar C**

1. Vou começar por lhe perguntar qual a sua idade?

FC: 31

2. Qual a sua formação?

FC: Tenho formação em psicologia, macrobiótica e amamentação.

3. O que o levou procurar uma *Forest School* e, escolher esta escola em particular?

FC: O que me fez procurar foi o facto de eu querer que os meus filhos tivessem um dia que não fosse com montes de atividades estruturadas e que eu gostava muito que fosse maioritariamente no exterior, quando andei à procura nem estava decidido que tinha de ser totalmente no exterior, mas depois de ter descoberto essa possibilidade pareceu-me ser aquilo que tinha mais a ver connosco e também o que tinha mais a ver com o meu filho, também interessam os interesses deles. Esta em particular, vim ver e gostei (risos).

4. Na sua ótica, o que considera ser uma situação de risco? Consegue dar-me alguns exemplos?

FC: Sítios onde passem carros preocupa-me, porque eles são minúsculos e os carros não os veem, sítios com água, são situações onde se existirem esses elementos, carros ou água, são situações onde eu estou mais alerta. Por exemplo, aqui estou relaxada, mas se houver um sítio onde houver uma piscina não estou, estou olhos de falcão em cima (risos).

5. No seu entender, considera importante expor o seu educando a este tipo de risco? Porquê?

FC: Aos riscos que eu disse? A esses não. Ah, pronto, mas se calhar há outras coisas que sejam riscos, mas eu não olho para elas dessa maneira. Subir a uma árvore é um risco, mas eu acho que é um risco bom. Eu fui mais para coisas que considero perigosas, pois há riscos que eu acho necessários as crianças poderem correr, riscos mais controlados, lá está, como subir a uma árvore, descer a uma mesa (risos, enquanto observa o

filho de um ano a descer), aprender a descer degraus e confiar que eles conseguem descer sozinhos. Há determinados riscos, que eu acho importantes para eles e para a formação deles e, depois de ver o V. aqui, há riscos que eu já não os vejo dessa forma, por já ser um algo tão natural no dia-a-dia dele. Subir às árvores, brincar com os paus, as pedras, já vejo isso como algo normal do dia-a-dia, e é na verdade (risos). Expor o meu filho a esse tipo de riscos, que eu não vejo como riscos propriamente (risos), considero bastante importante, pois vai-lhe trazer mais confiança, mais capacidade para avaliar, mais noção do seu espaço e dos outros. Hoje em dia, já não o consigo ver noutra tipo de escola, e o mesmo se aplica a este (filho com um ano), que adora estar aqui.

6. Na sua opinião, considera que as crianças têm capacidade para avaliar e identificar o risco nas situações decorrentes do quotidiano? Se sim, porquê?

FC: Considero. Acho que eles têm capacidade para avaliar o risco, principalmente se nós lhe formos dando liberdade para isso. Se eles tiverem habituados a ter de estar sempre de mão dada, e não puderem arriscar, eles não vão ser capazes de reconhecer os riscos. Se eles puderem ter liberdade para explorar, cair, acho que eles vão ter 100% capacidade de avaliar o risco. Eu vejo isso até no B. que tem 1 ano (filho que estava presente com a mãe, sentado em cima da mesa), por exemplo aqui, eu sei que ele não se vai atirar, eu sei que ele vai até à bordinha e vai tentar arranjar uma forma de descer sem se magoar, agora se eu, por exemplo, estiver sempre lá a ajudar a probabilidade de estar aqui a falar contigo e de ele se atirar era maior, porque ele não iria ter noção. Acho mesmo importante eles terem esta liberdade de experimentar, mesmo que por vezes se possam magoar um pouco. Por isso, sim 100% que eles têm capacidade de avaliar o risco e acho que isso depois é importante porque também se traduz para outros aspetos da vida.

